

Casa





Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



131777404X

1

39
4

(6) - 9 - 15

8

ULYSSEA,

OU

LISBOA

EDIFICADA,

Sala	EF
Est.	10
Tab.	8
N.º	2

ULYSSES

OF

ULYSSES

ULYSSES



U L Y S S E A,
O U
L I S B O A
E D I F I C A D A.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA
DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e
nomeado por Sua Magestade para Chan-
celler mór do Reyno de Portugal.

OFFERECIDO

4763

A EL REY D. JOAM V.

NOSSO SENHOR.

*Da Secretaria do Real Monestrio
de S. Lourenço de Coimbra.*



L I S B O A.

= N.º 8.092 =

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-
presor do Senh. Card. Patriarc.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias

ULYSSEA,

OU

LISBOA

EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA

DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e
nomeado por Sua Magestade para Chan-
celler mór do Reyno de Portugal.

OFFERECIDO

A EL REY D. JOAQUIM V.

NOSSO SENHOR



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-

pressor do Senh. Card. Patriar.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias



SENHOR.



*Insigne Jurisconsulto Gabriel
Pereira de Castro havendo
louvavelmente empregado o tempo nas A-
cademias, e nos Areopagos, mostrando tam-
bem*

6
bem a sua fecunda sciencia na composiçaõ
de alguns livros de Direito, que correm
com geral applauso, se naõ descuidou com
tudo de cultivar as Musas, e taõ feliz-
mente, que dellas conseguiu a doçura, ele-
gancia, e magestade, com que compoz este
grande, e singular Poema. Foy sua em-
preza a mayor acçaõ de Ulysses na edifi-
caçaõ, ou reedificaçaõ de Lisboa, que
delle conserva a memoria no seu nome, im-
mortalizando assim o deste invicto Capi-
taõ em reconhecimento de tamanho bene-
ficio. Elegeo por Mecenas deste seu Poema
ao Senhor Rey D. Philippe IV. de Castella,
entaõ reynante em Portugal por occultas
disposiçoens do Ceo; porẽm se o Auçtor al-
cançara os presentes tempos, nem este
Principe fora o Mecenas do seu canto,
nem o heroe delle aquelle General, porque
em V. Magestade teria mais alto assum-
pto, e a mais propria protecçaõ.

Menos deve Lisboa a Ulysses do que a
V. Magestade; pois se aquelle heroe lhe
deo hum limitado, e humilde principio, V.
Magestade a tem exaltado ao cume da ma-
yor grandeza, e felicidade, como testi-

munhaõ tantos edificios sumptuosos, e magnificos, com que se acha novamente engrandecida esta inclyta Cidade, e sobre tudo ornada de politica, defendida de justas leys, e santificada com tantos augmentos no culto divino, que a piedade, e grandeza de V. Magestade tem promovido com ardente zelo, e dispendio de immensos thesouros.

Esta he a mayor gloria de Lisboa, e fora tambem a do Auçtor, se este seu Poema sabira á luz publica debaixo dos gloriosos auspicios de V. Magestade, como Senhor natural, e Numen soberano das letras, e sciencias. Esta felicidade porém, que elle não conseguiu, lhe solicito eu agora do modo possivel, offerecendo a V. Magestade este livro, que fiz reimprimir por não se perder a memoria de taõ excellentes obra; e estampado nelle o Augusto nome de V. Magestade, ficará recobrando a graça, que lhe faltava, e Lisboa adquirindo novos timbres, e mais esclarecida fama, quando assim honrada a sua historia. Deos guarde a V. Magestade por muitos annos para bem destes Reynos, augmento desta

*nobre Cidade, e complemento dos desejos
de seus fieis, e amantes vassallos.*

Mathias Pereira da Silva.



DISCURSO POETICO

DE MANOEL DE GALHEGOS.

E Aço este juizo naõ só porque obedeço a quem me manda, mas porque me acredito mostrando, que sey conhecer as excellencias, e prerogativas deste insigne Poema; e porque sirvo aos curiosos fazendolhe hum compendio das finezas, e primores da arte, que nelle observará quem o ler com a applicaçãõ, que pede a altivez, e soberania de seu estilo.

O Poema heroico he huma poesia levanta-

tada, que tem por fim celebrar das acções do heroe valeroso a que foy mais digna de memoria. He taõ difficil este modo de poetar, que de infinitos Poemas, que se haõ escrito no mundo, ha muito poucos, que mereçaõ o nome de perfeitos. Como difficil, como grande, e como obra, que redunda em louvor da patria, elegeo esta acção o Doutor Gabriel Pereira de Castro. Procurou nella chegar á mayor perfeição; e como Deos o dotou de hum engenho unico para todas as faculdades, alcançou o primeiro lugar entre os heroicos, e collocou este soberano Poema diante de todos os que celebra a antiguidade. Em prova do qual digo, que na fabula concorrem todas as propriedades, que dispoem as regras, porque a fundação de Lisboa he huma só acção, he de hum só heroe, he maravilhosa, he verosimil, he de huma Cidade celebre no mundo, he em honra da patria, he em gloria dos Monarcas, Príncipes, e Senhores de Portugal, e o heroe he vencedor, e o mais celebrado entre os Capitaens valerosos, que em Grecia florece-
raõ.

Na propoſta ſe ajusta felicemente com o que manda a arte, dando *Non lucem ex fumo, ſed fumum ex luce*, diz Varrão; porque he ſolemne entre os heroicos não nomearem no proemio o heroe por ſeu nome, e não fartarem ao Leitor de noticias. O epiteto: Mal ſeguros, tem muito enfaſe, que não ſó determina em geral os perigos, que no mar ha para todos, mas em particular os que Neptuno fez paſſar a Ulyſſes em vingança de Polifemo. Por eſte meſmo eſtilo inſinua Virgilio o pezar, que teve Juno de Paris não dar a ſentença em ſeu favor: *Sæva memorem &c.* Deſte modo dá a entender Lucano, que Ceſar, e Pompeyo tomaraõ as armas, hum com pretexto de defender o direito do Senado, outro o dos Tribunos, ſendo o animo fazerem ſe Imperadores: *Fuſque datum &c.* Aſſim toca tambem Eſtacio varias circumſtancias da materia: *Alternaque regna &c.* Dá muita graça a eſte exordio o acabar o primeiro verſo com huma total dependencia do ſegundo: galhardia, ou figura, a que os Rhetoricos chamaõ Aporia, id eſt dependurado. Uſaraõ della alguns Poetas

inſi-

signes. Estacio : *Formidatamque Tonantis Progoniem.* Ovidio : *In nova fert animus mutatas dicere formas Corpora.* Claudiano : *Afflataque curru Sidera.* Silio : *In cælo se gloria tollit Æneiadum.* Nomease a terra por seu nome proprio a fim de variar a oração , que havendose declarado o heroe por perifraxe , era conveniente , que a terra se expressasse pelo nome genuino , e dominante. Virg. *Atque altæ mænia Romæ.* Silio : *Oenotria jura Carthago.* Estac. *Sontesque evolvere Thebas.* Tem mais a excellencia de propor em huma só oitava incluindo nella as circunstancias todas , que devia observar na sua acção. A harmonia , e a elegancia dos versos he igual ao hiperbole da clausula ultima , e acaba felizmente com a Assyndethon , de que usa tirando as conjunçoens a este verso : A' patria , ao mundo , á eternidade canto. Na invocação se ajusta com Virgilio , e na Dedicatoria mostrou boa eleição ; pois sendo o Poema em gloria da mayor Cidade , que incluye o Imperio del Rey de Hespanha , era justo , que elle fosse o Protector , e quando não houvera nesta obra outro verso

fo mais que este : De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas, bastava para que alcançasse no mundo eterna fama. A melhor Dedicatória, q̄ se lê nos escritos dos Poetas Latinos, he a de Lucano a Nero, e depois desta a de Estacio a Domiciano. Parece-me, que he taõ manifesta a vantagem, que leva a nossa a ambas, que querer proval-la com razoes seria dar lugar a que se duvidasse.

Em nenhuma cousa mostrou mais o nosso Poeta seu talento, que no exordio da narraçãõ, pois começa do principio da fabula, que he o ponto, donde deve começar o Poema heroico, e naõ no meyo, como fez Camoens, vendo, que Virgilio dá principio ao seu Poema com Eneas á vista de Carthago, e que logo conta a guerra de Troya, e tudo o mais, que passara no caminho; o que seria truncar a acçãõ, e começar no meyo della, se o intento fora cantar do incendio Troyano, da fugida de Eneas, e da guerra de Italia; porém naõ podia ser, porque se o Poeta da pequena Iliada errou, (como quer Aristoteles) porque cantou de toda a guerra de Troya; e
se

se Homero elegeo sómente huma parte della , por não incluir muitas acçoens , absurdo inexcusavel seria o de Virgilio , se cantasse da destruição dos Troyanos , da peregrinação de Eneas , e da conquista de Italia ; porque neste progresso ha materia para tantos Poemas , que só no que pertence a Troya conta Aristoteles nove acçoës , a saber *Philoctetes*, *Neoptolemus*, *Eurypilus*, *Emendicatio*, *Lacena*, *Ilii excidium*, *Reditus*, *Synon*, e *Troiades*. Além do que a proposta da Eneida está dizendo claramente , que a acção he só a guerra de Italia ; e se no primeiro verso se falla em Troya , he appositivo para formar a perifraste do heroe , que se em lugar de *Virum*, *qui primus ab oris Troiae* &c. dissera : *Aeneam*, *qui fato profugus venit ad Italiam*, era o mesmo *quoad significatum* , e escusavase o fallar em Troya ; e não obsta , que a destruição de Priamo , e os trabalhos todos , que passou Eneas antes de chegar a Carthago , se refiraõ no Poema , porque tambem na Odissea de Homero se conta a guerra de Troya , e tudo o q̃ o heroe passou até chegar á Ilha de Calypso , e mais a acção

ção he sómente a vingança de Ulyffes, como diz Aristoteles: *Inimicos autem perdidit, hoc itaque proprium ejus poematis est, nam cætera ad episodica pertinent.* Assim tambem na Eneiada tudo o que ha entre desembarcar, e sahir de Carthago, he accessorio no Poema. Bem o mostra aquelle verso: *Hinc me digressum vestris Deus appulit oris,* donde Escaligero diz: *Quare summus Poeta ad eum modum digessit, ut Aeneæ enarrationis finis fuerit operis initium.* Imitou o nosso Poeta na textura deste Poema a da Eneiada, ensinandonos a entender o que muitos modernos não alcançaraõ. Desembarca Ulyffes, admitte-o Circe, dalhe hum esplendido convite, perguntalhe pela guerra de Troya, conta-lha elle por extenso; e da mesma maneira, que em Carthago deliberou Eneas sujeitar a Italia, assim tambem Ulyffes nas terras de Circe se dispoz a vir á Lusitania, e não sómente achou favor, e poder, mas galhardos, e maravilhosos motivos, que forão o primeiro mobil da fundação da Cidade de Lisboa. No principio da acção começaõ todos os Poemas, q̃ celebraõ Grecia,

cia,

cia, e Roma. Homero porque na Odissea tomou por sujeito a entrada de Ulysses em Ithaca, começou em Ogigia, que foy onde os deoses compadecidos dos trabalhos de Ulysses ordenaraõ restituillo a sua esposa. E ainda que vejamos começar a Iliada com os Gregos já cercando a Troya de muitos annos, nem por isso se ha de presumir, que se truncou a acção do Poema, porque Homero elegeo sómente a ultima parte da guerra: *Nunc vero* (diz Arist.) *ejus recte una dumtaxat parte suscepta pluribus in ea episodiis usus est.* E se o seu intento fora incluir tudo o que Achilles obrou em favor de Menelao, houvera de começar na primeira causa, que foy o roubo de Helena. Assim o fez Estacio, que porque determinou celebrar as acçoens todas deste heroe, (*nos ire per omnem heroa &c.*) começou quando Paris sahio de Ebalia com Helena. Valerio Flacco no seu Poema dos Argonautas (que he quasi a mesma acção, que a de Luiz de Camoës) não começou com Jafão perto de Colcos, mas imitando a Apollonio dá principio á narraçãõ no odio de Pelias, que foy a

cau-

causa da jornada. Este mesmo estilo segue Lucano, pois declara primeiro que tudo, quaes foraõ as causas da guerra civil, logo começa com Cesar á vista do rio Rubicon. Silio Italico tendo o sujeito do seu Poema a victoria, que Scipiaõ Africano alcançou de Anibal, entra declarando a origem, e fundaçãõ da Cidade de Carthago. O principio da Proserpina he a queixa, que teve Plutaõ de os deoses lhe naõ darem esposa. E o da Metamorfose he o caos, que os Filozofos antigos imaginaraõ antes da creaçãõ do mundo. E finalmente parece isto taõ posto em razãõ, e he esta verdade taõ manifesta, e taõ seguida de todos os bons engenhos, que no exordio de Thebaiada olhou o Poeta para a fabula, e querendo que tivesse principio no primeiro motivo da guerra, perguntou á Musa se começaria na origem da Cidade de Thebas: e a razãõ disto foy; porque entendeo, que devia começar naõ só no principio da contenda de Etheocles, e Polynices, mas na causa, ou na razãõ natural, que entre elles houve para o grande odio, que se tiveraõ, suppondo que eraõ taõ ty-

ran-

rannos, taõ impios, e taõ melevolos, porque descenderaõ (segundo a fabulosa fundação de Thebas) da serpente de Cadmo. E começa a narração com Edipo cego, e com o concerto, que fizeraõ os dous irmãos de que ambos governariaõ cada hum seu anno, que foy o principio, e a causa da guerra. Sobre tudo a mayor razão, que ha, para que o Poema comece a narrar no principio da acção, he considerar, que a arte (como diz Quintil.) deve imitar a natureza, e sendo isto assim, o modo natural de contar as cousas pede, que primeiro se digaõ as que preferem, e logo as que se seguem: *Initio secundum naturam sumpto primum à primis*, (diz Aristot. no cap. 1. da Poetica) de modo que as partes do que se conta haõ de observar na relação a mesma ordem, que ellas guardaõ entre si. Seja pois principio do Poema o que o he da fabula; que de outra sorte será perverter a ordem, a qual importa muito para a apprehensão da memoria, como diz S. Clement. no 1. liv. do seu reconhecimento: *Multum namque ad recordandum prodest ordo dictorum.* E nenhuma arte ama

ama tanto a ordem, como a Poesia, porque o verso não he outra cousa mais que huma boa ordem de vozes; e por isso os Gregos lhe chamaraõ Estichis, que quer dizer boa disposição, ou boa ordem; donde veyo Xenofonte a dizer, fallando do campo, que humas arvores estavaõ dispostas em 15. estichios, que quer dizer em 15. versos, e alguns querem tambem que o mesmo fizesse Virgilio naquelles dous lugares: *In versum distulit ulmos: Triplici pubes, quam Dardana versu. Imitetur igitur* (como diz Cicero ad Heren.) *ars naturam, & quod ea desiderat, inueniat, quod ostendit, sequatur.* Não haja obra, cujo meyo seja principio, e cujos effeitos sejaõ primeiro que as causas, que será monstro, e cousa alheya do natural, porque segundo a ordem das cousas creadas todo o principio he primeiro que o meyo: *Et à causis progredimur ad effectus.* Vejase o livro 2. de Oratore, onde fallando Cicero da narração, diz, que será *Perspicua, si ordin temporum conservato narratur.* Alarguei me neste ponto mais do que permite a brevidade, que procuro, porque como o nos

§

so

so Poema nesta circumstancia se apartou do
commum dos modernos, era necessario dar
parte das muitas razoens, em que o Poeta
se fundou. E não se entenda, que o meu
animo he reprovar a Luiz de Camoens;
que isto, em que elle se não ajustou com a
arte, he cousa, em que muitos se engana-
raõ, e não lhe tira a autoridade; que tem
tanta, que não será reprehendido quem o
seguir, porque a Lusíada merece, que a
tenhamos por texto, e eu reconheço nella
toda a grandeza, e excellencia, que com
tanta erudição observa em seus discursos
politicos o Doutor Manoel Severim de Fa-
ria Chantre, e Conego da Sé de Evora.

Amplificase a acção com maravilhosos
episodios, e com peregrinas digressões,
tudo de cousas pertencentes ao sujeito, e
ao intento do Poeta. O primeiro episodio
(que he o de Circe) iguala ao de Dido, e
a primeira digressão (que he a jornada)
fezse por competir a Virgilio, e porque
dêsse conta Ulysses de tudo o que passou
antes de chegar a este porto, e tivesse mais
lugar de pedir a Circe, que em paga do
que referira, lhe vaticinasse o que havia de

suc-

fuccederlhe , com o que acudio o Poeta a huma figura , cujo nome he Peripefia , que quer dizer mudança das cousas em contrario , e em diverso , ou acontecimento maravilhoso : propriedade taõ natural nos Poemas heroicos , que Estrabo chamou á Iliada Alithis Peripefias , que he o mesmo que verdades , ou relaçoens , em que concorrem as circumstancias , que acima dissemos. Ha nesta digressão muito de maravilhoso em quanto Ulysses refere todos os trabalhos , que passou ; e ha tambem huma agradavel mudança das cousas em diverso , e em contrario ; pois sendo que Ulysses esperava de Circe puramente hospicio , e favor , com que podesse seguir sua derrota , aconteceu , que naõ só ella se lhe affeicou , (o que foy diverso) mas lhe fez a saber , que os deoses o guardavaõ para fundador de huma das grandes Cidades do mundo , e ultimamente fez , que elle viesse á Lusitania com animo de conquistar o melhor de seu sitio , e dar principio ao Reyno de Portugal ; o que foy contrario ao intento , com que entrou neste porto , que era de reformar a sua armada , e irse para a

fua terra. Começa a contar a jornada desde a sahida de Troya para meter no meyo do caminho o vaticinio de Proteo, imitando galhardamente de quando lá na quarta rapsodia da Odissea de Homero conta Menelao a Telemaco o que em Egypto lhe acontecera. Na descida de Ulysses ao inferno não segue a Homero, e foy acerto, porque supposto que era bem que o fim desta ficção fosse para saber Ulysses, não dos Capitaens Gregos, mas dos Monarcas, e heroes valerosos, que haviaõ de florecer na Cidade, que queria edificar, sendo força variar no fim, não sómente lhe era licito variar nas circumstancias, mas convinha, que Ulysses entrasse no inferno acompanhado de Circe; porque se ella era tão grande magica, e estava namorada de Ulysses, parecia acção natural, e forçosa acompanhallo até o pôr em seguro, e não deixallo ir só, como nas Ilhas Cimerias, e sobre tudo he costume entre os Poetas quando usaõ da figura, a que as artes chamaõ Magthacnia, (que quer dizer Poesia magica) valeremse ou de huma sibilla, como fez Virgilio, ou de huma feiticeira,

como Lucano, ou de hum Mago, como Torcato. E isto para acudir ao verosimil, porque não he proprio do heroe fazer conjuros, roubos, circulos, caracteres, e as demais ceremonias diabolicas, de que usa a Magica. Ariosto porque vio que depois de pintar hum cavalleiro armado voando pelos ares, conyinha accrescentar, que era feiticeiro, diz: Quel era un Nigromante &c. e se os Poetas buscaraõ de fóra da fabula pessoas, a que attribuir esta acção, descuido seria muito grande, havendo neste Poema a Circe, deixar de a fazer autora de tudo o que pertencia a esta arte, pois foy por ella taõ celebre no mundo, que de Circeo (que he o mesmo que escrever caracteres magicos) lhe chamaraõ Circe; e tudo o que se conta de magos, e feiticeiras, se attribue a ella. Tanto que Rafael Volaterrano, traduzindo a Odissea; quando Minerva diz a Jupiter, que havia muitos annos que Calypso tinha a Ulysses em sua terra, onde o texto Grego diz: *Atlantos tigatir oloophronos*, (que quer dizer a Magica filha de Atlante) traduzio: *Quam filia divi Atlantis Circe retinet.*

Sen-

Sendo que o Poeta falla aqui de Calypso, e he notorio nas fabulas ser esta a filha de Atlante; porém como fallandose de feitiçarias se entende Circe, enganouse na versãõ do lugar parecendolhe, que só a ella convinha directe o epiteto. Oloophronos, que aqui per Hypallage convem a Calypso, he o mesmo que *Venefica sciens*. Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio dêsse a Ulysses em lugar da raiz do molio hum anel, porque para o effeito o mesmo he huma cousa, que outra: além disto da parte do heroe não he tão autorizado trazer por defensivo huma herva, como hum anel, e da parte de Mercurio parece remedio de sigana. Em hum anel trazia Anibal o veneno, com que se matou; donde Ariosto teve motivo para a ficção do anel de Bradamante. Vayse divertindo felizmente a conclusãõ do Poema com agradaveis figuras, e varias fantasias poeticas. Não he mais vistoso, nem mais necessario na Farsalia o sonho de Pompeo quando lhe apparece a alma de Julia, que o de Ulysses quando vê a Idotea; e nos campos do Tejo a Ninfa Legea. Que agrada-

davel he a refenha, que faz do exercito no
livro oitavo! Não pinta nenhum Capitaõ,
em que não observe circumstancias diffe-
rentes, e dignas de admiração. Os vaticí-
nios redundão em numero, e em bondade,
e com serem muitos estão enxeridos com
tal artificio na fabula, que todos são ne-
cessarios. As figuras allegoricas, Lanoso,
Valinferno, Volaõ, e outras, que deixo
por não cansar, daõ notavel graça ao Poe-
ma, assim pela discrição das pessoas, como
pelo que obraõ. No discurso da guerra,
que de ruinas ha taõ espantosas, e taõ va-
rias! Nos acontecimentos parece que es-
gotou toda a variedade, todo o artificio,
toda a prudencia, e toda a novidade. Que
peregrino, que suave, que brando, que
elegante, que cortez, e que affectuoso he
nos amores! Tomara que a esfera deste
discurso não fora taõ breve para mostrar
aos curiosos o quanto nesta parte avanta
este Poema aos Gregos, Latinos, e moder-
nos. A primeira idea amorosa, que achou
o engenho humano, he tudo o que os ven-
tos dizem quando as Ninfas lhes rogaõ, que
não alterem os mares. A Periferia (que he
a pe-

a peregrinação dos heroes) está neste Poema em sua perfeição, e assim também a Epignoscis, a que Aristoteles chama Agnitio. Vejase o 4. liv. quando Ulisses reconhece o que Proteo lhe vaticinou. He admiravel no scientifico: he prudente na bra-cologia, e na ecthania, id est, no abbreviar a fabula, e no estendella a seu tempo. E he grandemente proporcionado na figura Dianomi, que ensina a repartir bem as partes do Poema; o que importa muito, porque fazer sobre a fabula de Adonis cinco mil oitavas he *induere culicem Herculeae veste*, e fazer hum canto de duzentas oitavas, e outro de quinhentas he ser *sui inops*. Usa felizmente das tres figuras, de que mais necessita a textura, que são *Parasceve, Analogia, Teliotis*, id est preparatorio, proporção, perfeição. Observem isto com cuidado os Criticos, acharão, que não ha mudança de materia sem que prepare, e sem que esta preparação seja adequada á cousa, para que prepara; e não acaba sem clausula final: quero dizer, sem concluir com tanta graça, que antes de acabar faz appetecer o entendimento objecto novo.

novó. He summamente profundo, e summamente claro no tocar as fabulas. A melhor frase, e o mais sublime estilo, com que se póde encarecer a excellencia da peroraçãõ do Poema, será dizendo, que he igual á Dedicatoria; e advirtase, que ainda que Torcato, e outros modernos deixaraõ de perorar, he obrigaçãõ do Poeta quando acaba despedirse do Leitor, ou do Mecenas com algumas galantarias, que sirvaõ de remate a toda a obra. Assim o fizeraõ todos os Latinos, excepto Virgilio, e Lucano, que naõ acabaraõ os seus Poemas. E enganaõse os que imaginaõ, que faltou nesta parte Silio Italico; porque serve de peroraçãõ a apostrophe, que no cabo faz á memoria de Scipiaõ Africano, que supposto que os mais costumãõ fallar com o Leitor, ou com o Mecenas, tambem podem fallar com algum heroe dos que celebraõ, ou com a Musa, como faz o Licenciado Francisco Lopes de Zarate no seu Poema da Invençãõ da Cruz: Musa, pues diste fin, cellen tus labios Con la veneracion, que a la Cruz deves &c. Sobre todas as excellencias a de

mayor affombro, e que mais reputação adquirirá a esta peregrina obra, he o poetico resplendor, que nos versos reverbera. A claridade, ou a energia (que he a evidencia no dizer) observa tudo quanto Hermogenes admoeita na palavra Saffinia. A grandeza do estilo (a que Quintiliano chama Adron) está aqui tanto *in suo esse*, que não póde haver no fallar humano locução mais fublime. A formosura, ou a galhardia das vozes em qual dos escritos, que a fabula solemniza, se achará com tanta superioridade? A bella Aurora, Que quando ri nos Ceos, nos campos chora. Versos foraõ estes, de q̄ Fr. Lopo Felix de Vega Carpio se pagou tanto, que todas as vezes que na Corte nos viamos, os repetia, recreandose na graça, e artificio delles. A brevidade no explicar a sentença he soberana: tarda muito pouco em dar fórma ao conceito, que he o que encommenda Hermogenes na palavra Gorgotis, que vale o mesmo que pressa. As mãos fendidas acha a testa armada. O que este verso insinua, não se podia dizer com menor ambito. Na imitação dos costumes ha maravilhoso caracter. No sen-

-511

ten-

tencioso tem huma verdade continua , fundada não sómente sobre a razão , mas sobre tudo o que disserão os doutos do mundo. No grave , no triste , no alegre , no feroz , no severo , no florido , e em todas as mais fórmas de oração mostrou grande fineza ; e grande juizo em escolher o tempo , e o lugar. Nas metáforas tem moderação , e propriedade , porque são poucas , usadas em seu lugar , e todas fundadas na circumstancia mais vista , e mais notoria dos sujeitos ; o que he tão difficultoso , que observando Aristoteles o inaccessible da Poesia , diz , que sómente os homens de engenho preclaro sabem usar da metáfora com perfeição : *Solos euferes , qui præclari sunt ingenii , posse eumetapherin.* Vejase o Perieureseon de Hermog. A energia he toda tão clara , tão fina , e tão efficaz como a deste verso : *Satyros de metal de crespá fronte.* A tudo isto iguala a copia *verb. & rer.* que he tão fertil , que a não esgota a semelhança dos sujeitos. Na Onomatopeya he tão modesto , que nenhuma palavra usa estranha , que a não peça ou o adorno , ou a falta da lingua. He tal a harmonia do verso ,
o ef-

o espirito, o artificio poetico, a differença dos consoantes, a suavidade das clausulas, a brandura, e moderação, com que usa das Synalefas, das Syneresis, das Dierefis, das Hipalages, e de tudo o que mais pertence a Eufonia, que não acha o ouvido coufa que o não recree. Mas será necessario outro Poema para dizer o menos do que neste admira o entendimento. Atribuirão os Poetas muitos olhos, e muitas linguas á fama, porque entenderão, que as obras grandes não podia hum só intuito examinallas, nem huma só lingua encarecellas. Acabe pois a fama este meu discurso, penetre os reconditos, que eu não alcancey, e diga tudo o que ha de maravilhoso nestes versos, ainda que somente quem os soube fazer, os saberia solemnizar.

Disse.

Manoel de Gallegos.



*Auctori D. Hieronymus Mascarenbas
sacri Divi Petri Collegii quondam
Alumnus, nunc sacræ Theologiæ
Collega, & Conimbricensi
Sede Canonicus.*

EPIGRAMMA.

MOenia fundantem, & tures inducis U-
lysslem,
A quo Ulyssipo maxima nomen habet:
Maxima, quod muros ille: at tu carmine famam
Ædificas. Urbis factor uterque tuæ.
Adde, quod egregium cantando vincis Ulysslem:
Urbem fundasti versibus; ille manu.
Ille manu: facili tu pollicis unius ictu
Ædificas Thebas; musice Castro, tuas.

Auctore incognito.

O Bruta luctificis, heu fata nocentia, damnis,
Nativumque gemens urbs miseranda nefas!
Ecce cothurnato plaudens hilarescere cantu
Cernitur, & viduis nectere farta comis.
Quis tot mœsta novo pepulit suspiria plausu;
Prostratamque urbem rursus ad astra levat?
Fulget Odysseos inter venerandus alumnos
Mente potens Gabriel, sanguine, jure, gradu;
Hic sortem exuperans meritis virtute parentes,
Moribus ingenium, nobilitate decus.
Postquam tergemino decorans subsellia partu
Mentis, in ætherea fixerat arce caput;
Nunc ad Apollineos juris documenta furores
Vertit, & ad tumidos verba soluta modos
Urbis ut egregiæ prisca incunabula lætis
Civibus, & stupidâ posteritate canat.
Quæ quibus anteferam? Dum iudex pectore recto
Plectit, amat, servat, crimina, jura, fidem:
Dum vates; patriæ resonans dulcedine Musæ
Fundit, agit, pulsat, carmina, plectra, lyram:
Maximus hinc illinc, omni celebrabitur ævo,
Faxque simul radians urbis, & orbis erit.

P Ytagoras proferia,
Que a alma quando deixava
O corpo, onde animava,
Em outro corpo vivia:
Isto melhor cuidaria
Quem a vós, e Homero lêste,
Onde Apollo reconhece,
No estilo grave, e severo,
Que tanto parece a Homero,
Que da mesma alma parece.

De Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha.

M Ais que a Ulysses a Castro em toda idade
Tributa o Tejo undoso sacrificio,
Pois a Ulysses se deve o edificio,
Deste a Castro se deve a eternidade.
Fundar Imperio, edificar Cidade
Do Ulysséo valor foy certo indicio;
Mas privarlhe do tempo o precipicio
Só a Musa de Pereira o pertuade.
Nunca ruina, nunca esquecimento
O Imperio temer póde, eternizado
No firme de taõ raro entendimento,
Que mal póde temer-se arruinado
Hum Reyno, que tem hoje seu cimento
Sobre as azas da fama edificado.

Do Doutor Duarte da Silva Protonotario Apostolico.

O Bra gentil de artifice elegante,
Que com glorioso canto funda o muro,
Da Cidade mayor espelho puro,
Eterna occupação da fama errante.
Teu alto fundamento he taõ constante,
Que sem temor do esquecimento escuro
Contra as iras do tempo está seguro,
Contra as forças da guerra está triunfante.
Que por darte immortal felicidade
A virtude efficaz do heroico verso
Alicerfes abriu na eternidade.
Arme-se pois já agora o fado adverso,
Que ha de triunfar a celebre Cidade
Em quanto houver memorias no Universo.

De D. Francisco Rolim de Moura.

Cortar montes de mares tormentosos,
Ver a morte em mil fórmãs retratada,
A puros fios da tremenda espada
Os tranfes segurar mais duvidosos:
Escalar muros sempre victoriosos,
Ter a fortuna em duro jugo atada,
Bem gloria foy, mas gloria limitada
He a que levaõ annos presurosos.

Porém do mais profundo esquecimento
A memoria tirar do Luso forte,
N'hum penna ás esferas levantalla:
Foy dos portentos tanto mór portento,
Quanto nestas acçoens melhora a sorte
Mais que o dar vida á fama, eternizalla.

Do Doutor Luiz Pereira de Castro.

AS maravilhas barbaras não cante
A fama, que vos tece alta coroa,
Levando do Boote a tocha Eoa
O vosso nome, porque o mundo espante.
Sobre huma, e outra Tetis se levante
Abrindo as pennas de ouro, com que voa;
Para que o som, que em suas trompas soa,
Chegue do nosso polo ao mais distante.
Estatuas mudas cahem, a esclarecida
Fama só vive em obras dilatada,
Do negro esquecimento defendida.
Tal vós tereis com a penna eternizada
Nas idades futuras nobre vida,
Dando gloriosa inveja á que he passada.

De Francisco Lopes de Zarate.

Postumo soy de aquel, que eternidades
Cimentó con virtudes a tu fama;
Aqui toda Helicon se derrama,
Que a tantos tinta dio, tantas edades.

Derramase, logrando en novidades
La accion maior del que con diestra llama
En Troya de Asia vencedor se aclama;
Hechos, que se trasponen de verdades.

Aqui verás en tumulto encumbrado
Con fraterna piedad immortal vida,
Lo dudoso por grande verdadero.

Aqui a Ulysses verás acreditado,
Aqui a Troya más grande que fingida,
Aqui un milagro superior a Homero.

De Dona Bernarda Ferreira de Lacerda.

Morreis cantando, Cisne Lusitano,
A cara patria, que perdervos chora;
Mas a que á fama dais, tuba sonora,
Nunca póde sentir da morte o dano.

Ouvindo voslo canto soberano,
Já Delos por Apollo vos adora,
E para Daphne ao divino agora,
Se antes fugio veloz do Apollo humano,

Em seus braços á vossa effigie ordena
A mais verde, e odorifera coroa,
Que já mais alcançou culta Camena.

Alta, e soberba em tanto a fama voa
De ver, que alada vay com vossa pena,
Honra de Luso, gloria de Lisboa.

De Fr. Lope Felix de Vega Carpio.

Lisboa por el Griego edificada
Ya de ser Fenix immortal presuma,
Pues deve más a tu divina pluma,
Docto Gabriel, que a sua famosa espada.
Voraz el tiempo con la diestra ayrada
No ay imperio mortal, que nó consume,
Peró la vida de tu heroica fuma
Es alma ilustremente reservada.
Mas ay, que quando más enriqueciste
Tu patria, que su Artifice te llama
Por la segunda vida, que le diste:
Cipres funesto tu laurel enrama,
Si bien ganaste en lo que más perdiste,
Pues quando mueres tu, nascio tu fama.

De Lourenço Justiniano Pacheco.

NA Iliada melhor, que na Odysssea
O estro de Homero á perfeição voava;
Porque o destino para vós guardava
Cantar de Ulysses com mais alta idea.
Quando escreveis como aportou na areia
Do padre Tejo tumultuosa, e flava,
Mayor Virgilio arrebatáis a clava
A'quelle Hercules da A'ttica Epopea.
Se ao voslo igual fosse o concento odioso,
Que fez os mares muito mais infidos,
Que arava o terno feminil, monstruoso;

Em vaõ quizera fer, por darlhe ouvidos,
A hum mastro prezo o vosso Heroe famoso,
Que vós prendêreis todos seus sentidos.

De Manoel de Galbegos.

QUando Marte cansado
Pendura o forte escudo, arrima a lança,
E das pezadas armas aliviado,
No Thracio campo em doce paz descança:
Guerra aos montes pregoa,
Morte ás feras promete:
Em fervoroso, e rapido ginete
Iguala os ventos, pelos ventos voa;
E de aves, e de feras despooa
O districto dos ares, e o da terra,
Que huma guerra o descança de outra guerra.

Vós, ó Pereira, quando
Cansado na juridica palestra
Ocio doce buscais, repouso brando,
E da penna aliviais a insigne dextra:
Os bosques de Aganipe
Suspendeis sonorofo:
Com branda voz, com plectro numerofo
Nova Thebas fundais para Filipe:
Que porque de dous lauros participe
O engenho singular, geral em tudo,
Descançais de hum estudo n'outro estudo.

Filipp e engrandecido

Até agora Lisboa governada
Via por vosso engenho esclarecido :
Hoje por vos a admira celebrada.
Nobre , e glorioso augmento
A vossas letras deve :
Porém de vossas letras o ocio breve
Vos adquire mayor merecimento.
Que se engolfado vosso entendimento
No mar das leys a patria nos governa,
Tambem quando descança a faz eterna.
Vossa penna canora
Sabe formar de vossa mão regida
Caracteres de magica sonora,
Com que a mortos varoens infunde vida:
Com hum , e outro accento
De metrica Magia
Os orbes lifongea , eleva o dia,
Abranda as feras , faz parar o vento,
Suspende a Lua , admira o firmamento,
E faz que á terra desçaõ as estrellas,
Para que a patria se coroe dellas.
Quando com voz piedosa
De Gorgoris pintais a grã ruina,
De cujas cinzas nasce victoriosa
Das Cidades a Fenix peregrina :
Por alivio , por gloria
Concedeis ao vencido
O ser por vós no mundo conhecido,
O ter por vós dos annos a victoria :

Por

Porque honrado no templo da memoria
Diga que vosso harmonico instrumento
O rio faz parar do esquecimento.

E quando ao Delio coro
Offereceis a celebre Cidade,
Que com divino estilo, alto decoro
Sobre os hombros fundais da eternidade:
Mais que á Duliquia espada,
A patria reconhece
A essa penna, por quem já resplandece,
Na taboa azul dos orbes retratada:
Que se soube fundar a Grega Armada,
Aonde o Tejo corre, a grã Lisboa,
Vós a fundais aonde a fama voa.

F I M.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimirse o livro, que se apresenta; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa o primeiro de Junho de 1745.

*Fr. R. de Lancastro. Silva. Abreu. Amaral.
Almeida. Trigoso.*

DO ORDINARIO.

PO'dese reimprimir o livro, de que trata a petição, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 3. de Junho de 1745.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PACO.

Que se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa 5. de Junho de 1745.

*Vaz de Carvalho.
Carvalho.*

*Almeida.
Castro.*

Está

E Stá conforme com o seu original. Carmo
de Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

Fr. Joaõ de Santiago.

V Isto estar conforme com o seu original
póde correr. Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

Fr. R. de Lancastro.

Silva.

Abreu.

Almeida.

Trigoso.

P Ode correr. Lisboa 18. de Janeiro de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

Q ue possa correr, e taxaõ em duzentos e
quarenta reis. Lisboa 21. de Janeiro de
1746.

Carvalho.

Costa.



ARGUMENTO DO PRIMEIRO LIVRO.

O Mar Jonio Ulysses dividia,
 E rendido ao furor do bravo vento
 Amparo, e porto a Jupiter pedia,
 Que os Deoses convocou do ethereo assento:
 De Atlante o neto as naos ao porto guia,
 Onde achando suave acolhimento,
 Cyrce, de ver Ulysses obrigada,
 Porto, e descanso dava á Grega armada.

I.

AS armas, e o varaõ, q os mal-segueros
 Campos cortou do Egeo, e do Oceano,
 Que por perigos, e trabalhos duros
 Eternizou seu nome soberano:
 A graõ Lisboa, e seus primeiros muros,
 (De Europa, e largo Imperio Lusitano
 Alta cabeça) se eu podesse tanto,
 A' patria, ao mundo, á eternidade canto.

A

Lem:

LISBOA EDIFICADA:

II.

Lembrame, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo á tumida corrente :
Ouvirá o fôro da Lusitana lira
O negro Occaso, e lucido Oriente,
Se tu dás ser a meu sujeito falto,
Para que caiba em mim furor taõ alto.

III.

Vós, graõ Senhor, com quem o Ceo reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis desfarmado em formosura,
Em quem se unio por natureza, e arte
Com a mór severidade a mór brandura,
Que em vossa altiva fronte o pezo grave
Amor excita com temor suave.

IV.

Vós, que nos tenros annos hum gigante
Repre'entais, e como forte Godo
Novas esferas, que naõ soube Atlante,
Sustentais por mais alto, e raro modo :
Que com hombros armados de diamante,
Sem co' pezo inclinar do mundo todo,
Dais fantas leys ás terras mais estranhas
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas.

Vós

IV.

Vós, Alcides Hesperio, a quem não cança
 Vencer monstros do Polo congelado,
 Que ainda de sangue feu por vossa lança
 Seu plaustro as Ursas haõ de ver banhado:
 Por vós, que encheis de medo, e de esperança
 O mundo, quando entraís no campo armado,
 De que o grito immortal da fama corre,
 Donde o Sol nasce, ás ondas, onde morre.

VI.

Vós, Aguia imperial, a que o Otomano
 Falcaõ temendo as livres azas cerra,
 A quem não haõ de ser pelo Oceano
 As Orcades, ou Thule ultima terra:
 Vós açoute do torpe Lutherano,
 Que buscando alta fama em dura guerra,
 Penetrareis as grandes ferras, onde
 A famosa cabeça o Nilo esconde.

VII.

Vós, que humildes fareis os empolados
 Mares, não sendo navegados dantes,
 E os campos de Ampelusa subjugados
 Vereis pizando as luas arrogantes:
 E a vossos pés rendidos, e prostrados,
 O Dragaõ frio, os Perficos turbantes,
 E tudo o que ha do Antartico a Calisto,
 Té o graõ sepulchro libertar de Christo.

LISBOA EDIFICADA.

VIII.

Suspendei por hum pouco do aureo sceptro
 A regia Magestade soberana,
 Ouvi cantar ao som do Grego plectro,
 Com grave assento a Musa Lusitana:
 E em quanto dais a mais sonoro metro
 Obras dignas de gloria mais que humana;
 Daimo voffo favor, que nelle espero
 Cantar de Ulyffes, imitando a Homero.

IX.

Cortando o golfo Jonio profegua
 Seu curso a Grega armada, quando irado
 Boreas as negras azas facudia,
 Sobre o mar todo em ferras levantado:
 Euro braminho o centro revolvua,
 Viafe o ar de nuvens coroado,
 E o fogo, e confusaõ, que o inferno imita,
 Mostra que o Ceo no mar se precipita.

X.

Ao longe o mar bramua horrendamente
 Quebrando as ondas, que co' vento crefcem,
 Vaõfe os ares cerrando, em continente
 Da vista o mar, e Ceo defapparecem:
 Encanece Neptuno, que o valente
 Austro as ondas levanta, e quando decem
 Deixaõfe ver as grutas, e as montanhas,
 Que esconde o mar nas humidas entranhas.

Em

XI.

Em braços da tormenta embravecida,
 Que ás naos ultimo estrago ameaçava,
 Corria a armada Grega dividida,
 Que já apenas as ondas contrastava:
 Vendoa o Dulichio quasi submergida,
 Porque do porto o vento a desviava,
 Co'a confusaõ do espirito aos Ceos erguia
 A lagrimosa voz, e assim dizia.

XII.

O' grande Amon, que a terra rodeaste
 Dessas figuras bellas, e prestantes,
 E esta lustrosa machina abraçaste
 Co' as luzes das esferas rutilantes:
 Que o destino das cousas, que creaste,
 Elcreves nesses lucidos diamantes,
 Sendo divinas letras as estrellas,
 Porque teu graõ poder leamos nellas.

XIII.

As furias doma de Neptuno irado,
 E aplaca as iras do soberbo vento,
 Pois das estrellas, e do mar inchado
 Só podes alterar o movimento:
 Tu, que ordenas repouso ao Sol dourado
 No grande leito do humido elemento,
 Fazendo com justissima balança
 Seguir á tempestade a mór bonança.

Naõ

XIV.

Não permittas, Senhor, que este desterro,
 Que ha tantos annos temo, ha tantos figo,
 Dilatandose vá de erro em erro,
 Que menos temo a morte, que o perigo:
 Permitteme lançar seguro ferro
 Naquelle doce praya, e porto amigo,
 E que possa gozar alegre porto,
 Quando não seja vivo, ao menos morto.

XV.

Ouvio o graõ Tonante o affligido
 Coraçãõ, com que Ulysses se queixava,
 E nas entranhas paternaes movido,
 Darlhe porto, e descanso desejava:
 E para ser de todos entendido
 O que do forte Ulysses se ordenava,
 Conselho quer fazer no Ceo superno,
 Onde declare este decreto eterno.

XVI.

Ao grande Olympo tinha convocado
 Dos deoses a divina companhia,
 Os que na Zona ardente, e congelado
 Polo gozaõ do largo, e breve dia:
 Já para a hora, e tempo limitado
 Chamados de Sylenio a lactea via
 Pisando vem, e as deosas da prestante
 Filha da bella Electra, e de Thaumante.

XVII.

Nos quicios d'ouro solido, e seguro
 Geme a porta do Olympo omnipatente,
 Treme dos claros Ceos o crystal puro
 Ao aceno de Jupiter potente:
 De Balais, e Cafira o folio duro
 Formava hum jaspeado transparente,
 E Jupiter, envolto em claridade,
 Tinha ante o rosto hum veo de magestade.

XVIII.

Nova luz de seu rosto recebendo
 Com Jupiter assiste a chara esposa,
 Elle os rayos depoem, de quem tremendo
 Está do mundo a machina lustrosa:
 O aligero Sylenio recolhendo
 Os deoses na alta sala, e luminosa,
 Nella lugar lhes dava, qual convinha,
 Seguindo a ordem, que de Jove tinha.

XIX.

Vêse o intonso Apollo, e junto d'elle
 Mavorte altivo armado de diamante,
 Cobrindo os membros nús d'uma aurea pelle
 Vulcano, Deos do fogo rutilante:
 O rubicundo filho de Semelle,
 E o da formosa Acesta, a quem diante,
 Dando co' as azas brandos movimentos,
 Vaõ como pagens os menores ventos.

Pallas

XX.

Pallas armada valerosa entrava,
 E logo a bella deosa, que em Cythera ;
 Paphos, e Gnido reina, e se mostrava
 Bellona no sembrante irada, e fera :
 Nenhum dos altos deoses se assentava,
 Que final da tranquilla maõ se espera
 De Jupiter, que inclina a luz serena,
 E que se assentem gravemente acena.

XXI.

Resplandecia Jove no alto assento,
 A que suavemente se subia
 Por degraos de crystal, cujo ornamento
 De prata, e d'ouro o resplandor vencia :
 E no docel, que iguala o firmamento,
 Brilhava a radiante pedraria,
 Que a clara luz do Sol, e sua belleza
 Vence na graça, excede na pureza.

XXII.

O estrado de materia era mais fina,
 Que a massa das purissimas estrellas ;
 Hum arco vario forma Iris divina
 D'outras cores mais finas, e mais bellas :
 O tempo fim das cousas se reclina
 A seus pés, como autor de todas ellas,
 E os espiritos, que em roda lhe assistiaõ,
 Como atomos da luz, voando ardiaõ.

XXIII.

Abaixo os semideoses preeminente
 Assento tinhaõ de crystal lavrado,
 E o rio de mór fama, e mór corrente
 Está sobre urnas de ouro reclinado:
 Treme a parte do Ceo mais eminente,
 Hum lume arcano as portas tem guardado!
 Silencio dá com tom de voz suave,
 E das palavras segue o pezo grave.

XXIV.

Vistes como de Troya debellada
 Sahio Ulysses? Como o mar undoso
 Do Helesponto passou, e da encurvada
 Cyconia costa o porto perigoso?
 As tormentosas Syrtes, e a abrazada
 Praya Africana? Como ao temeroso
 Cyclope a luz da carregada fronte
 Nas entranhas rompeo de hum grave monte?

XXV.

Pois agora obediente ás leys dos fados
 A Lusitana costa vay buscando,
 Por força, e arte mares empolados,
 Duros ventos vencendo, e contrastando:
 Por mitigar trabalhos taõ pezados
 Quero que Cyrce com repouso brand,
 A pezar de Neptuno, e bravo vento,
 Dê á cansada armada acolhimento.

Por

XXVI.

Por este Capitaõ, por esta gente
 A eterna ley do imobil fado ordena
 Se funde huma Cidade, onde a corrente
 Do Tejo se dilata mais amena :
 A quem o Gange, e o Indo do Oriente
 As leys viraõ pedir, e paz serena,
 Fazendo obedecerse a graõ Lisboa
 Do tardio Boote á tocha Eoa.

XXVII.

E pois o fado assim o determina,
 Quero, sagrados deoses, que o facundo
 Ulysses veja as partes, donde inclina
 Seu aureo coche o Sol ao mar profundo :
 Levante huma Cidade peregrina,
 Cabeça alta do mundo, hum breve mundo,
 Que occupe com eterna monarchia
 Té os horizontes ultimos do dia.

XXVIII.

Disse : e qual nos primeiros resplandores
 As abelhas sollicitas, levando
 O rocio futil das puras flores,
 Na conhecida casa vaõ entrando :
 Adonde os suavissimos licores
 Com estranho artificio dilatando,
 Se ouve hum leve susurro : assim soava
 O rumor, que entre os deoses se formava.

XXIX.

Já cessara de todo o rumor leve,
 Porém Marte, que o caso mal soffria,
 Mil pensamentos neste espaço breve
 Na soberana mente revolvía:
 Até que co' respeito, que se deve,
 Do lugar, que occupava, em pé se erguia,
 Dando dous passos pela regia sala,
 E desta sorte airoso a Jove fala.

XXX.

Jupiter poderoso, e sempiterno,
 A quem só foy o Olympo em sorte dado,
 Que deste alcaçar o caminho eterno
 Tens de estrellas luzentes adornado:
 Que os diafanos Ceos, e escuro inferno,
 Vês a teu graõ poder ajoelhado,
 E os montes, que co' as nuvens se terminaõ,
 A teu nome a cerviz tremendo inclinaõ.

XXXI.

Tu, que ao celeste globo, a esta dourada
 Machina déste luz, déste belleza,
 E na terra dos homens habitada
 Dás vida, e leys á mesma natureza:
 Que o Sol pizas, e a Lua prateada,
 E os elementos desta redondeza
 Concertas, dando aos peixes as suaves
 Ondas, ao monte as feras, ao ar as aves.

XXXII.

Coufa parece, graõ Senhor, estranha,
 Que venha a occupar o folio Hesperio
 Hum enganoso Grego, que por manha
 Trocou de Troya em cinza o antigo imperio ;
 A fama, que hoje a Alcides rende Hespanha,
 E ao padre Baccho o Indico hemispherio ,
 Em grande opprobrio seu por esta via
 Na memoria dos homens ficaria.

XXXIII.

Havendo mais, que os Gregos offendido
 Tem aos deoses do Olympo iniquamente,
 Que eu entre as armas Gregas fui ferido:
 A quem taõ grande mal naõ foy presente?
 Pois como a hum fraudulento , a hum attrevido
 Queres dar nome , e fama preeminente ,
 Para que esqueça em sua nova gloria
 Das immortaes deidades a memoria?

XXXIV.

Aqui cessou Mavorte, e da viseira
 O fumo da coraje ardendo exhala,
 Quando deixando Pallas a cadeira,
 O meyo occupa da divina sala:
 Botando o escudo atraz forte, e guerreira:
 Marte (dizia) se arrojado falla,
 Occasioens dará, donde se veja,
 Que naõ he zelo o seu , mas pura inveja.

XXXV.

Se aqui fora lugar, força bastante
 Tenho, e valor, diz Pallas enojada,
 Indo abraçando o escudo rutilante
 Com vista hum pouco aceza, e cor mudada:
 Na divina cadeira o graõ Tonante
 Bateo, dizendo: Basta, e da pancada
 Tremeo o Ceo, e os orbes estrellados
 Nos mesmos eixos, onde estaõ cravados.

XXXVI.

Affim co' immobil fado o determino,
 Diz Jupiter com voz grave, e severa:
 Em pé junto do assento crystalino
 Cada hum final para partirse espera:
 Ajoelhando a Jupiter divino
 Todos se tornaõ á sua propria esfera,
 E Jove neste tempo do alto via
 A armada, que entre as ondas perecia.

XXXVII.

Manda Mercurio logo, elle os talaes
 Divinos, e Galero alado toma,
 Qual leve seta vem partindo os ares,
 E de Eolo, e Neptuno as forças doma:
 Compoem do undoso pégo os groslos mares,
 E quando no horizonte o Sol afloma,
 Ao porto a armada chega, aonde aferra
 A tenaz unha a desejada terra.

XXXVIII.

Carrega os hõmbros d'um gracioso outeiro;
 De botques povoado em largo assento
 Hum soberbo castello, alto, e guerreiro,
 Que da formosa Cyrce era aposento:
 Onde com sua luz fere primeiro
 Phebo em seu abrazado nascimento,
 Que sobre as densas nuvens eminente
 As chuvas, e os trovoens abaixo sente.

XXXIX.

No largo porto entrado a armada tinha,
 Onde Ulysses ordena, que Creonte
 Os trabalhos, e affrontas, com que vinha
 Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:
 Acompanhado sobe qual conyinha,
 E o alto pisa do soberbo monte,
 Dos paços admirava a architectura,
 E mais de Cyrce a rara formosura,

LX.

Ella depois de o ouvir, e ter presente
 Os successos de Ulysses destroçado,
 Seus caracteres faz, com que se sente
 Cos seus Creontè noutro ser mudado:
 Qual de usso a pelle immunda, ou de serpente,
 Qual brancas penas veste, e o ar delgado
 Vay abrindo, e suspenso o pezo teve
 Sobre as azas iguaes do corpo leve.

Qual

XLI.

Qual vendo ao companheiro irse mudando,
 Quer socorrello, e leva meya espada,
 E ao infelice Acteon imitando,
 As mãos fendidas acha, a testa armada:
 Qual Libico leão representando
 Ruge em lugar de voz articulada,
 Qual como touro pelos montes brama,
 Qual na agua veste prateada escama.

XLII.

De seus versos a força poderosa
 A fórma humana troca em planta, ou fera,
 Em peixe, ou ave, ou serpe venenosa,
 Que o ser da humana natureza altera:
 Qualquer nota das suas portentosa
 Parar do Ceo faria a mór esfera,
 Decer do alto ao centro o fogo leve,
 Subir do centro o grave, arder a neve.

XLIII.

Quantas vezes os circulos dourados
 Desse Ceo transparente, e crystallino
 Vio no meyo do curso estar parados
 Jove inclinando o rosto peregrino:
 Quantas a seu pezar vio eclipsados
 A bella Cynthia, e claro Libistino,
 Negros chuueiros assombrar os ares,
 Bramar trovoens, erguerse aos Ceos os mares.

XLIV.

'Aos seus estava Ulysses esperando,
 Quando já de Latona o filho ardente,
 Pelos balcoens da Aurora passeando,
 Mostrava a clara luz á cega gente:
 Hiaõse já de perolas toucando
 Os campos, porque as portas do Oriente,
 Chorando aljofar, abre a bella Aurora,
 Que quando ri nos Ceos, nos campos chora.

XLV.

Triste, e affligido está no pensamento,
 Porque Creonte a vinda dilatava,
 Teme de Cyrce o falso acolhimento,
 Com que os sentidos, e animos ligava:
 Quando o filho de Maya abrindo o vento
 Co' caduceo, que as almas revocava,
 E outras decer ao Tartaro fazia,
 Pezandose nas azas, lhe dizia.

XLVI.

Que esperas, Laerciade animoso?
 Sabe, que Cyrce tem aos teus soldados
 Co' a graõ força do encanto poderoso
 Em brutos animaes já transformados:
 Naõ fies de feu trato mentiroso,
 Doces palavras, brandos gazalhados,
 Porque outra cousa tem no pensamento,
 Que até nas obras se acha fingimento.

XLVII.

Leva este anel, que vence a força dura
 Do poderoso encanto, e a Cyrce obriga
 Que te prometta pela estige escura
 Restituir aos teus a fôrma antiga:
 Que mudando os rigores em brandura,
 Procurará agradarte, como amiga,
 Que ás vezes pode mais, que a força grave;
 Hum pedir brando, e hum rogar suave.

XLVIII.

Disse, e na nuvem com veloz subida
 Nos ares se escondia, e da divina
 Luz das talaes azas offendida
 A vista, o que mais vê não determina:
 Confuso o Capitaõ olha, e duvida,
 Os olhos ergue, o joelho inclina
 Beijando a terra, e vay subindo ao monte,
 Onde a irmã morava de Phaetonte.

XLIX.

Sobe, e taõ concertados passos dava,
 Que cousa humana Ulysles não parece,
 Da forte companhia, que o cercav,
 Co' a cabeça por cima resplandece:
 De escamas de ouro o manto recamava,
 Que do hombro a beijar a terra dece,
 Opprimindo o cabelo a testa altiva
 Dos cabellos de Daphne fugitiva.

L.

Sobre o punho da espada refulgente
 Descansa a mão esquerda, que levanta
 Do manto hum pouco a fralda, e em continente
 Airoso dos que o seguem se adianta:
 Com aspeito Real, e preminente,
 Que dignamente louva quem se espanta;
 Vaõ com elle Alcion, Clario, e Filemo,
 Androgeo, Leostenes, e Palemo.

LI.

Dos paços sahio Cyrce acompanhada
 Das que ella não deixava ser taõ bellas,
 Qual Diana na noite socegada
 Rodeada passeia o Ceo de estrellas:
 A mão a Ulysses dava, que abrazada
 A alma em gloria vê, e as suas donzellas
 As daõ aos Capitaes que alli se acharaõ,
 E todos para os paços caminharãõ.

LII.

Abrese a grande porta, onde assistiaõ
 Quatro leoens, que prezos a guardavaõ;
 Que a Cyrce por senhora conheciaõ,
 E passando, por terra se prostravaõ:
 Outros guardados nas prizoens rugiaõ,
 E nas grades os dentes amolavaõ
 Os feros javalis aferrolhados,
 Por encanto de Cyrce transformados.

LIII.

Em quanto a larga escada vaõ subindo;
 Os instrumentos musicos soando,
 Os levantados tectos vaõ ferindo,
 De vozes varias huma voz formando:
 Ulysses no suave gesto lindo
 De Cyrce a alma, e olhos occupando,
 Lhe parece que he rara maravilha,
 Mais formosa que o Sol, de que era filha.

LIV.

Huma cota leonada traz vestida
 De borboletas d'ouro semeada,
 E de serpes de aljofar guarnecida,
 Nos golpes com diamantes apertada:
 Solta pelas espaldas a comprida
 Madeixa do cabelo, taõ dourada,
 Que do Sol parecia hum novo ensayo,
 O rosto hum Sol, cada cabelo hum rayo.

LV.

Em seu divino rosto a mesma idea
 Da belleza igualada se mostrava,
 E na luz que voando amor rodea
 Contento, e lisonjeiro se abrazava
 Se a maõ, que faz a neve escura, e fea
 Por compor o cabelo levantava,
 Alli se vem arder em fogo leve
 As desiguaes pyramides de neve.

LVI.

Na soberana fronte altiva, e branda
 Amor tem seu poder abbreviado,
 Alli temido, e adorado anda
 Como n'um campo de belleza armado:
 Esta esfera mayor as outras manda
 C'um movimento grave, e repoufado,
 E abaixo deste Ceo, e esta grandeza
 He ar tudo o que esconde a natureza.

LVII.

Eraõ os olhos verdes, e senhores
 De quanto vem com branda tyrannia,
 Em seus rayos, e puros resplandores
 Aprendeo á fer bello o bello dia:
 Se co' a formosa deosa dos amores
 Se achara em Ida, quando competia
 Com ella Juno, e Pallas, vencedora
 Só fora Cyree entãõ, só deosa fora.

LVIII.

Nestas fontes de luzes soberanas,
 Que saõ de amor ahavas amorosas,
 Fez elle agudos dardos das pestanas,
 Armas sempre mortaes, sempre formosas:
 Mil Cupidõs com settas inhumanas
 Sahem destas luzes puras, e ditosas,
 Que por naõ lhe escapar nada na terra
 Primeiro mataõ, que publicquem guerra.

LIX.

Dece partindo o campo a bem tirada
 Meta de tanta graça, e gentileza,
 Ficando a cada parte a desfolhada
 Rosa, em seu puro resplendor aceza:
 Logo hũa porta com rubins cerrada,
 Onde abre, e fecha com mayor belleza
 Em perlas vivas, e em palavras d'ouro
 De graças immortaes vivo thesouro.

LX.

Destes Ceos o que acima se imagina,
 São crespos fios d'ouro, que deitados
 A descuido da mão pura, e divina
 Fazem espaços de amor imaginados:
 Que em confusa belleza, e peregrina
 Envoltos, e nos hombros espalhados
 Ondas levantaõ, dando ás liberdades
 Nas soltas ondas soltas tempestades.

LXI.

Vêse no rosto, e peito crystallino
 Secreta formosura, que escondida
 Dava por arte ao corpo peregrino
 Outra graça mayor não aprendida:
 Em seus membros o espirito divino
 Com alma viva em cada parte unida
 Resplandece, e na falla graciosa
 Mostra, que era por graça mais formosa.

LXII.

Ambos entrando vão nas regias cazas
 Ornadas de ouro, e sedas mais custosas,
 Onde Cupidos com lascivas azas
 Não tem voando as fettas ociosas :
 Queimaõ no mais secreto ardentes brazas
 Aromaticas massas, e cheirofas,
 E hum dos Cupidos, que nesta obra entende,
 As azas bate, com que o fogo acende.

LXIII.

Detinha Cyrce os olhos na brandura
 Do Grego capitaõ, e assim notava
 O eloquente fallar, e a compostura,
 Que de Hybla os doces favos igualava :
 O encanto acha sem força, e mal segura
 A magica sciencia, de que utava,
 Que a todos os que traz na companhia
 Do anel a grande força defendia.

LXIV.

Tudo Ulysses comfigo considera,
 E co' a vista a Creonte anda buscando,
 Dissimula o que sente, hum pouco espera,
 Por elle aos que o cercavaõ perguntando :
 E porque a causa disto vê qual era,
 Na bella Cyrce a vista socegando,
 Mudada hum pouco a cor, pezado, e grave
 Lhe falla com affeito, e voz suave.

Quando

LXV.

Quando, formosa Cyrce, destroçado
 Tomo este porto, que he por vós famoso,
 Não he razaõ que o brando gafalhado
 Se troque em fingimento cauteloso:
 As mostras deste rosto delicado
 Mayor encanto saõ, e mais forçoso,
 Que obriga ámarvos pelo ver tam bello,
 E sempre padecer, e sempre vello.

LXVI.

Destá doce, e amorosa tyrannia
 Já obrigado, e preso me confecho,
 Liberdade a prisaõ propria seria,
 Quando a causa do mal tem tanto preço:
 Obrigado de amor, e cortezia,
 Que em vosso real animo conheço,
 Folgara, bella Cyrce, não houvesse
 Couisa, que esta alegria escurecesse.

LXVII.

E para que socegue o pensamento
 Da gente, que me segue mal segura,
 Que teme este favor, e acolhimento,
 Como se fora guerra aspera, e dura:
 Nos promettei com grave juramento,
 Formosa Cyrce, pela estige escura
 De não usar de força, ou caracteres,
 Em que trasluzã magicos poderes.

I XVIII.

Naõ vio o verde prado assim abrazada
 A papoula gentil, e vergonhosa,
 Nem de seu verde carcere afrontada
 Sahir fugindo a pudibunda rosa:
 Quando a manhã serena, e destoucada
 Entre a capa das nuvens mais formosa
 Passa embuçada, que fugir deseja,
 Antes que nua seu amante a veja.

LXIX.

Como Cyrce escreveo no bello gesto
 Com roxas letras o que nalma havia,
 Vendose o claro engano manifesto,
 Que em suas faces bello se fazia:
 Assim com puro affecto, e modo honesto,
 Porque dar gosto a Ulysses pertendia,
 Em tudo o que lhe pede o segurava,
 E pelo lago estigio lho jurava.

LXX.

Para hum jardim entravaõ passeando,
 Onde das varias flores a pintura
 No ar suaves cheiros exhalando,
 Agradece de Cyrce a formosura:
 Aos Capitaens da maõ hiaõ tomando
 As damas com effeitos de brandura
 Egiale, Ercia, Milia, Alpheia,
 Dimantes, Aglonice, e Panoepa.

LXXI.

Estavaõ nas paredes engastadas
 Estatuas excellentes de grandeza
 Excessiva, em estremo bem lavradas,
 Que o natural excedem na viveza:
 De altos varoens, que foraõ nas passadas
 Idades, e a presente estima, e preza,
 Que de exquisitos marmores de Paro
 Brias lavrou, e Calicrates raro.

LXXII.

Os vazios espaços occupavaõ
 Os citreos troncos verdes, e pregados,
 Que gratos á cultura se mostravaõ,
 De seus dourados pomos carregados:
 As reas de colunas se adornavaõ,
 A que os fructos cobriaõ pendurados
 De Thianeu, alegres, e suaves,
 Regalo eterno das lascivas aves.

LXXIII.

Noutra parte o jardim se vê partido,
 Que huma fina alcatifa representa,
 De que a formosa Chloris, e o marido
 De ser seu jardineiro se contenta:
 De perpetuo veraõ favorecido
 Novo hymeto, que quando o sol aquenta
 O Caõ celeste, e fere o agudo inverno,
 Não lhe impede gozar de Abril eterno.

Zefiro

LXXIV.

Zefiro alegre, e brando com lascivas
 Pennas meneia as flores, que bolindo
 Ambar exhalaõ, serpes fugitivas
 De crystal, entre as hervas vaõ fugindo:
 Das vivas pedras saltaõ gotas vivas,
 De rocio suavissimo cobrindo
 O prado, Ambrosia o verde bosque espira,
 Retrato na liquida çafira.

LXXV.

Aqui a sabia, e mestra natureza
 Por huma ley igual, por certo fio
 Naõ muda o verde rosto, e a belleza
 No Inverno, Primavera, Outono, Estio:
 Tempera o frio a calma mais aceza,
 Ella abranda o rigor do inverno frio,
 Que se abraçaõ com laço sempiterno
 Estio, Outono, Primavera, Inverno.

LXXVI.

Com verdes pavelhoens antros suaves
 Vestem frescas estancias, onde ao vento
 Espalhaõ queixas namoradas aves,
 Enchendo o ar de seu canoro alento:
 Grutas muscolas, onde as horas graves
 Do sol regala hum brando movimento,
 Ruas de verdes mirtos enverdados,
 Para estorvar o sol, das maõs tomados.

LXXVII.

Por entre elles estatuas cryftallinas
 Se mostraõ com decoro, e com grandeza,
 Penhas aonde se vem neves alpinas,
 Que desmentem as leys da natureza:
 De plantas verdes, e de cores finas
 Bellos theatros tem a vista preza,
 Onde o nectar da Aurora vaõ libando
 Solicitas abelhas susurrando.

LXXVIII.

Alli Clicie formosa, e o jacinto
 Se vê, que com fragrancia o ar inflama,
 O achanto, e amarecho, que extinto
 De seus aromas o vapor derrama:
 E o filho de Cinara em sangue tinto,
 Que a formosa Acidalia adora, e ama,
 E o puro carmezim da rosa fina,
 Emprestado das plantas de Erycina.

LXXVIII.

No meyo do jardim de Apollo estava
 Huma estatua de porfido luzente,
 Que as de Sostrato, e Scopas affrontava,
 Sobre Oecton, que respira fogo ardente:
 Com rayos de crystal puro imitava
 Os do Sol mais formoso, e refulgente,
 Que alli naõ tinha occaso, e parecia
 Querer fazer eterno o mortal dia.

Alli

LXXX.

Alli por urnas de crystal brotando,
 Os tanques enche a crystallina fonte,
 Que estaõ nos fortes braços sustentando
 Satyros de metal de creípa fronte:
 Este pequeno mar andaõ cortando
 Os que a morte choraraõ de Phaetonte,
 A quem do Sol, que na agua reverbera,
 Guardaõ co' a sombra as filhas de Neera.

LXXXI.

Este quadro formoso assim adornado
 Em mil formas de fontes se partia,
 Donde o crystal cahindo destilado
 Por ricas serpez de metal corria:
 De conchas exquisitas variado,
 Que o Sol aos mares Indianos cria,
 Vencendo a limpidissima Pirene,
 A famosa Libetro, e Hypocrene.

LXXXII.

Entre os bosques se via a filha chara
 De Peneo, dando ao mesmo Sol ardores,
 E o moço Phrygio, que a Cibelle amara,
 Quando o primeiro amor troca em furores:
 De Tisbe a planta, que já a cor mudara,
 Que sempre he triste o fructo dos amores,
 Lotis mudado em tronco o corpo bello,
 E em verdes folhas o ouro do cabelo,

LXXXIII.

O roble mais antigo do ar tocadas
 As folhas verdes, como linguas, move,
 Que a Alcides deo coroas celebradas,
 E a testa ornou do soberano Jove:
 Que os estios venceo, e as indomadas
 Iras do Inverno, quando troa, e chove,
 Com fructo, cuja rustica aspereza
 Dos primeiros heroes honrou a meza.

LXXXIV.

A fruta já caduca, a verde, e a dura
 No proprio, e adoptivo ramo crece,
 Que sem necessidade da cultura
 A planta fructo, e flores offerece:
 Na idade verde do anno, e na madura
 Tudo igual fructifica, igual florece,
 Vides opprimem os olmos abraçadas,
 Verdes maridos, com que estaõ casadas.

LXXXV.

Plantas estereis pelo ar se estendem,
 Que daõ por fructo sombra ao fresco prado,
 Com que ás ervas os rayos pouco offendem,
 De que os montes enfeita o Sol dourado:
 Doutras os fructos já maduros pendem
 No ramo, com seus pomos encurvado,
 Tudo offerece singular tributo,
 Prado herua, herua flores, plantas fruto.

LXXXVI.

Alli a imperial ave delicada
 A Jupiter nas azas se levanta,
 Sem della ave menor ser infestada,
 Que huma segura voa, e outra canta:
 A que no Indico Ceo mais variada
 Na vamgloria das pennas se adianta,
 Naõ perturba esta paz, que naõ altera
 Mór fera, ou ave a menor ave, ou fera.

LXXXVII.

Entre as matas rugia o valeroso
 Leaõ, em suas garras arrogante,
 Mil animaes de gesto temeroso,
 Na pelle varios, varios no semblante:
 Tudo o que esconde fero, e monstuoso
 O grande Nilo, e o soberbo Atlante,
 Aqui lugar, e assento achaõ suave
 As plantas todas, toda a fera, ou ave.

LXXXVIII.

O dia alegre em danças vaõ passando
 Com ditos; e suavissimos amores,
 Aos Capitaens as damas escutando
 Encarecidas queixas, vivas dores:
 Doces respostas recebendo, e dando,
 Esperando gozar noites melhores,
 Já se viaõ as copas levantadas,
 Dos Athalicos vasos carregadas.

Gran-

LXXXIX.

Grandes vasos de prata se ostentavaõ,
 Que a arte proliza debuxando esteve,
 Que nos concavos ventres se mostravaõ
 De licor cheyos espumoso, e leve:
 As hydrias de crystal se sepultavaõ
 No frio seyo da gelada neve,
 E o liquido rubim, puro, encendido
 Se congela nas urnas escondido.

LXL.

Preparase a soberba, e regia meza,
 Onde cobrem de orvalho os brandos ares
 Fontes, que os refrescavaõ com pureza,
 Despertando o appetite dos manjares:
 Tudo quanto no mundo mais se preza,
 Que a terra propria dá, e alheyos mares,
 Alli junto se vê, donde assistiaõ
 Cem pulidos ministros que serviaõ.

LXLI.

Varias mezas os prados occupavaõ,
 Onde os Gregos mais fortes, e luzidos
 Por igual ordem todos se assentavaõ,
 Por praticos ministros conduzidos:
 Aos Capitaens lugares finalavaõ
 Em seus postos, e assentos divididos,
 E em todos igualmente he festejado
 O que na coxa foy do pay creado.

LXLII.

Soaõ os instrumentos, e as suaves
 Frautas, que o grande Hypomacho tocava,
 De accents ora agudos, e ora graves
 Concertada armonia se formava:
 Levaõlhe o alto contraponto as aves,
 Que tudo em ser alegre conformava,
 Tendo principio as mesas, e convite
 Entrando o sol nos braços de Amphitrite.

LXLIII.

Dous assentos reaes tem occupados
 A bella Cyrce, e o Capitaõ valente,
 De ouro mais puro, e fino marchetados
 Sobre a materia do Indiano dente:
 Carregavaõ manjares delicados
 A mesa, e Ulysses, que ferida sente
 A alma, com ver a Cyrce se contenta,
 Que amor só pelos olhos se alimenta.

LXLIV.

Cyrce a taça formosa, e coroada
 Toma na bella maõ, com que provoca
 A Ulysses de sua boca já libada,
 E a branca cor envergonhada troca:
 Elle na parte donde foy tocada,
 Adorando os vestigios de tal boca,
 A sua applica ao vaso, e sente logo
 De amor, e Baccho o duplicado fogo.

LXLV.

Clinias nas mãos tomava o instrumento;
 Canta historias de amor com voz suave,
 Como os deoses do ethereo firmamento
 Sentem brando o seu jugo, duro, e grave:
 Como he no mundo amor quinto elemento;
 Que tem dos gostos huma, e outra chave,
 Que he puro effeito d'alma, que mais preza
 Para se conservar a natureza.

LXLVI.

Canta da bella Cinthia, que ferida
 De amor em seu suave fogo ardera,
 Quando ao pastor de Latmo agradecida
 Pelo gozar deixara a propria esfera:
 De Caliopea canta, que rendida
 De Apollo ás leys de amor obedecera;
 Canta da filha de Inacho, que os largos
 Campos pascera por industria de Argos.

LXLVII.

Que de Peneo a filha celebrada
 Seguio junto de Amphrifo Apollo louro:
 Que trocou Jove a alteza sublimada
 Por Asterie, e Europa em aguia, e touro:
 Que de Danae na torre mal guardada
 Elle foy preço em brando orvalho de ouro,
 Que de amor mitigando a grave pena
 Rendeo em cyfne a Leda, em fogo Almena.

LXLVIII.

Outras historias canta, e canta aquella
 Do forte Capitaõ, que do opportuno
 Cheiro da pura flor, fragrante, e bella
 Foy concebido da formosa Juno:
 Prezo com Venus, que he do mar estrella,
 Nascida das escumas de Neptuno,
 Quando se formou nelle o corpo bello
 Das partes, que cortou Saturno a Cello,

LXLIX.

Já os ministros tinhaõ levantado
 Da regia mesa a cobertura fina,
 E sobre os aureos pratos destillado
 Rios de agua cheirosa, e crystallina:
 E tendo Circe as bellas maos lavado,
 Que escureciaõ toda a neve Alpina,
 Sobre a mesa voava a olanda leve
 Para nella enxugar dedos de neve.



ARGUMENTO

DO SEGUNDO CANTO.

*A Circe conta Ulyffes, que de Helena
Se despedira em Tenedo, e que vira
Dos Cycones a costa a Grega antena,
E dos ventos em Scyro a mayorira:
Como a Proteo abraçou, e a grave pena
Dos vaticinios grandes, que lhe ouvira,
Como o veyo avisar que passe avante
A soberana filha de Thaumante*

I.

EM tanto Cynthia alegre, e luminosa
As pontas de luz cheas ajuntava
Na altiva testa, com que mais formosa
O ar, a sombra, as nuvens prateava:
Do Ceo o eterno campo vagarosa
C'os nocturnos cavallos passeava,
Linhas de fogo pelo ar se viaõ
Das lucidas estrellas, que cahiaõ.

II.

Pedelhe Circe entã que lhe contasse
 Seus trabalhos, taõ dignos de alta historia;
 E os mares, que fulcara, porque achasse
 O gofsto de os passar pela memoria:
 Posto que muito Ulysses duvidasse
 Tratar de feu louvor, e propria gloria;
 A Circe obedeceo, e em modo grave,
 Ouvindo todos, diz com voz suave,

III.

Arde a Neptunia Troya, já rendida
 Ao cavallo fatal, e Grega espada,
 Em cinza, em fumo, em sombra convertida;
 Que a gloria humana he fumo, he sôbra, he nada;
 Já tratavaõ os Gregos da partida,
 Carregando o despojo a grande armada:
 E entre taõ rica, e soberana preza
 Era a formosa Helena a mór riqueza.

IV.

Já co' a cauta, e desculpa do Troyano
 Excidio, que na cinza inda fumava,
 Soltando a redea ás naos, o soberano
 Agamenon as ancoras levava:
 Da negra antena despregando o pano,
 Que indo prenhe do vento, que soprava;
 O porto deixa, o alto mar cortando,
 Vaõse as prayas, e os montes afastando.

O def-

V.

O destroço fatal de Troya viaõ
 Das naos, que o Hellesponto atravessavaõ,
 Os Gregos, quando a vista suspendiaõ
 Nas terras, que já apenas divisavaõ:
 Só nas partes mais altas pareciaõ
 Huns vestigios das torres, que ficavaõ,
 Onde a vista o mais que determina,
 He medir a grandeza co' a ruina.

VI.

Amfiteatros, machinas, e muros,
 Piramides, colossos levantados,
 Obeliscos, que mostraõ estar seguros
 Contra a força dos tempos, e dos fados,
 Jazem sem fama em cinza vil escuros,
 Das idades por fabula prostrados,
 Que o tempo os bronzes, e as colunas parte,
 E os poderes da morte iguala Marte.

VII.

De bandeiras, e flamulas ornaraõ
 A victoriosa armada, que partia,
 E as proas para Tenedo inclinaõ,
 Que hum bosque sobre as ondas parecia:
 Que alli vaõ despedirse concertaraõ,
 Onde a ancora pezada o sal feria,
 Sobre ella, quando o fere, se dilata
 O mar azul em circulos de prata.

Anbos

VIII.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
 (Antes que hum vá a Esparta, outro a Missena)
 Queriaõ despedirse, desejosos
 Que alli possa alegrarse a bella Helena:
 Com elles sahe ao campo, e os seus formosos
 Olhos, de que reparte gloria, e pena
 Amor, que assaltear delles aprende,
 Pelo florido campo, e praya estende.

IX.

De vella o mesmo Ceo se namorava,
 E o ar no do seu rosto se acendia,
 O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
 Parece que a beijarlhe os pés corria:
 Quem as divinas graças, que mostrava,
 Contar quizer, mais facil lhe seria
 Contar as flores do lascivo Mayo,
 E do Sol os cabellos rayo a rayo.

X.

Pela testa sem ordem desparzido
 Solto o cabelo voa livremente,
 Donde sahe a queixarse de opprimido
 De huma cinta de pedras refulgente:
 No hombro soa o arco do brunido
 Marfim, no lado a aljava está pendente;
 Com menos graça ao bosque entrar costuma
 A bella deosa, que nasceo da escuma.

XI.

De huma seda subtil , de ouro lavrada,
 Era composta a nobre vestidura,
 Que o pé descobre da aura meneada
 Para beijallo lizonjeira, e pura:
 No peito, collo, e face delicada
 (Que as armas saõ da propria formosura)
 Mostra amor querer dar mortes mais cruas,
 Pois leva da belleza as armas nuas.

XII.

Das orelhas as perlas do Oriente
 Igualmente pendendo, carregavaõ
 Circulos de ouro puro, e excellente,
 Mór graça recebendo, do que davaõ :
 Da barbara cadea refulgente,
 Cahindo ao feyo, as voltas se enredavaõ;
 Bellezas estudadas com descudo,
 Da cuidadosa maõ inculto estudo.

XIII.

Quando no Ceo da altiva fronte abria
 Hum, e outro sol na luz, que derramava,
 O campo todo, todo o ar ardia,
 Que a tudo dava fer, tudo animava :
 A cada passo seu hum Ceo movia,
 A cada rayo seu hum sol mostrava;
 A cada olhar abria hum paraíso,
 E hum coração feria a cada riso.

O vento

XIV.

O vento o seu cabello ondado, e louro,
 Como ladraõ subtil, traz derramado,
 Com quem baixo metal ficava o ouro,
 Que parece co' mesmo Sol dourado:
 Amor metendo a maõ neste thefouro,
 Hum fio lhe roubou, e tem mudado
 A corda ao arco seu, e fez as pretas
 Sobrancelhas o arco, a vista fetas.

XV.

Porque o ar naõ a offenda, poem reparo
 Ao rosto cum fendal, com que se cobre,
 Que das glorias, que esconde pouco avaro,
 Mais sede faz de ver o que se encobre:
 Como o Sol d'entre nuvens menos claro,
 Faz que a força dos rayos se lhe dobre,
 Tal d'um fendal finissimo vestida
 Vio Cytherea o pastor Phrigio em Ida.

XVI.

Esta era Helena, e se dizer vos posso
 De sua graõ belleza o que mais sinto,
 Vós sois retrato seu, ou ella o vosso,
 Que de vós tomo as cores, com que a pinto:
 No ar, na mesma graça, aonde o moço
 Cego faz intricado labyrintho,
 Entre mil impossiveis do desejo
 Imaginando estou que em vós a vejo.

XVII.

Alli fizemos larga despedida,
 E as ancoras pezadas levantando
 As naos postas a ponto de partida
 Vaõ as concavas azas despregando:
 Ao vento damos esperança, e vida,
 Com alutados remos apartando
 As ondas, dando Eolo no caminho
 Força ao cansado lenho, vida ao linho.

XVIII.

Voaõ as leves naos, que o tormentoso
 Golfo já do Helleponto dividiaõ,
 Da costa de Asia abrindo o seyo undoso,
 A prolixa viagem profeguaõ
 Té onde Tanais dece presturoso,
 E nas do mar suas ondas se metiaõ,
 Que de affrontado de huma, e outra terra
 Alli do ponto Euxino as portas ferra.

XIX.

Neste golfo, que honrou o atrevimento
 Do ousado Phrixo, e Helle naufragante,
 Vencendo no carneiro o falso argento
 Quando á esposa fugiaõ de Atamante:
 Dos Cycones á costa o bravo vento
 Nos arroja, que estava mui distante,
 Que co' as armas nas mãos nos receberaõ,
 E as naos cansadas abraçar quizeraõ.

Logo

XX.

Logo deixei o porto, que tomara,
 Donde partindo, a vida ao vento entrego,
 A' fertil Lemnos, por seu nome clara,
 Grande officina de Vulcano chego:
 E aos Reynos de Toante, onde a preclara
 Hypsiphile a seu pay caduco, e cego
 Das populares furias defendera,
 Pagando em dar a vida, á quem lha dera.

XXI.

Vendo a inimiga Venus das ferradas
 Proas as crespas ondas divididas,
 E o mar todo cuberto das armadas,
 Que levaõ os fortissimos Atridas,
 De taõ rico despojo carregadas,
 Dos fados, e do Ceo favorecidas,
 Sobre a maõ poz a face, e a viva magoa
 Lhe encheo a alma de fogo, os olhos d'agoa,

XXII.

Muitas cousas na mente revolvía,
 E partindo em seu carro acelerado,
 Tomou da Ilha Eolia a incerta via,
 Onde Hypotades tem seu gasalhado:
 Alli a tempestade solta, e fria,
 E o indomito vento está domado,
 Que humilde a natural ferocidade
 De seu Rey treme, e adora a magestade.

Aqui

XXIII.

Aqui aos ventos guarda em prizaõ dura,
 Donde sahida buscaõ com violencia,
 Provando, por sahir da cova escura,
 Das grandes forças a ultima potencia:
 Os grilhoens de diamante, e a mais segura
 Cadea he fraca, e debil resistencia,
 Furias do mundo saõ, que Eolo encerra
 Só para devastar o mar, e a terra.

XXIV.

A Eolo, que em parte alta, e subida
 Tem com graõ magestade o claro assento,
 A bella deosa (que no mar nascida
 Converte em fogo o humido elemento)
 Humilde falla : O' Rey, cuja temida
 Força pode enfrear o bravo vento,
 Grande senhor, cujas grandezas callo,
 Que o mar podes turbar, e socegallo.

XXV.

Do mar Egeo as ondas vay cortando
 Com sua armada Ulysses cauteloso,
 Que enganosa, e fingida paz mostrando,
 De Troya o Ilyon abrazou famoso :
 Leva os vencidos deoses, e buscando
 Ithaca, taõ soberbo, e poderoso
 Se mostra, que se algum caminho achara,
 Até o sagrado Olympo conquistara.

Estes

XXVI.

Este inimigo meu o mar sustenta,
 E pois he justa a queixa, em que me fundo,
 Solta, Rey poderoso, huma tormenta,
 Que a seus atomos torne o antigo mundo:
 Que a descuidada armada com violenta
 Força destroce, e meta no profundo,
 Onde pague seu furor, e insania
 O abrazador dos muros de Dardania.

XXVII.

Affim Ericina lagrimosa, e triste
 Ante o filho de Aesta se prostrava,
 Elle a toma nos braços, e resiste
 A cortezia, que com elle usava:
 Muito mais, que no pouco que pediste,
 Deosa excellente, (Eolo replicava)
 Té mostrarei as forças de hum desejo,
 A que me obriga o menos que em ti vejo.

XXVIII.

A tua justa dor, que a tudo excede,
 A que só excede a tua formosura,
 Tudo minha vontade lhe concede,
 Que acertar em teu gosto só procura:
 Nada póde negar quem já te pede
 Que soltes desses rayos a luz pura,
 Ou os escondas, que essa claridade
 Fará mansa, e serena a tempestade.

A gra-

XXIX.

A grave porta da soberba ferra
 Tremeo no duro bronze, que gemia ;
 Os ventos logo, que a caverna encerra,
 Rebentaõ da prisaõ escura, e fria :
 Juntos em esquadraõ com dura guerra,
 Bramindo os campos cada qual varria :
 Ao mar se arrojaõ, e vêse num momento
 Nas ondas o alterado movimento.

XXX.

Do undoso leito, donde repousava
 O mar, move as areas do mais fundo,
 Que fervendo nas ondas levantava,
 As entranhas abrindo do profundo :
 Com Boreas Austro a hum tempo se encontrava,
 Como que querem destruir o mundo :
 Treme co' a força do soberbo Eolo
 O Ceo nos eixos d'um, e doutro polo.

XXXI.

De pezados chuveiros carregando
 As nuvens voadoras impellidas,
 A agua, como sangue, vaõ botando,
 Da larga espada de Orion feridas :
 Pelas nuvens os peixes vaõ cortando,
 Nadaõ no mar as aves atrevidas,
 Que achaõ, fugindo, nos pezados ares
 Unido o mar co' Ceo, e o Ceo cos mares.

Sem

XXXII.

Sem prefagios alguns acometendo,
 O vento o mar ergueo, onde começa
 Huma soberba luta, parecendo
 Que as estrellas tocamos co' a cabeça:
 Pelo convez entrando o mar horrendo
 Os duros marinheiros arremeça,
 E as arvores, e as vellas com violento
 Furor rompe bramando o negro vento.

XXXIII.

Toando o Ceo os animos quebranta
 O brado dos trovoens, e em quanto dura
 Na confusaõ, e horror, que o mundo espanta,
 A fria morte a todos se affigura:
 A nuvem carregada o mar levanta,
 Com que toldava o ar de sombra escura,
 A espaços do alto fuzilar se via
 O fogo, que até as ondas acendia.

XXXIV.

Já os miseros nautas opprimidos,
 Sem poder resistir, se lamentavaõ;
 Porém os gritos, vozes, e gemidos,
 Os ventos pelo ar despedaçavaõ:
 Huns se viaõ no centro sumergidos
 Onde as ondas cahindo os sepultavaõ;
 E outros se vem subidos ás estrellas,
 Presumindo co' as maõs pegarse nellas.

XXXV.

Co' a proa a Capitania levantada,
 Que huma torre com azas representa,
 Correndo vay, das ondas contrastada,
 E co' a grandeza faz mór a tormenta:
 Num bordo, e noutro inclina de affrontada,
 Naõ obedece ao leme, e mal sustenta
 Do mar o grave pezo, que batendo
 A nao por muitas partes, vay bebendo.

XXXVI.

A arvore mayor do irado vento
 Impellida se rompe, onde cahindo
 Das ondas arrojada, com violento
 Golpe o debil costado vay ferindo:
 Toda a gente se via num momento
 Com varios instrumentos acodindo,
 E a confusaõ da nao, e mar mostrava,
 Que tudo a seu primeiro chaos tornava.

XXXVII.

Logo a cansada nao vay alijando
 Co' a força da tormenta embravecida
 As mais graves riquezas, que nadando
 A's ondas damos, porque escape a vida:
 Entre o granizo fero o Ceo toando,
 Rayos cahem por carreira retorcida,
 E como que de nós o Ceo se ria,
 Todo de hum polo ao outro esclarecia.

XXXVIII.

Sahindo o mar do natural limite
 Tinha o Ceo por mil partes rociado ;
 E o caõ celeste as aguas de Amphitrite
 Tem co' a lingua ardentissima goitado ;
 A's Urías em seu polo se permite
 Que se possaõ lavar no mar salgado ,
 E subindo Neptuno á mór altura ,
 Ondas introduzir no Ceo procura.

XXXIX.

Eu entaõ co' pavor, e frio medo ,
 Que estes cansados membros congelara ;
 Dizia : Quanto mais contente, e ledõ
 Fora , se já esta vida se acabara :
 Atalha a morte os males, se vem cedo,
 Que neste ultimo mal todo outro pára ;
 Naõ morrera mil vezes desta sorte,
 Tendo para huma vida huma só morte.

XL.

Isto dizendo , Boreas arrogante
 Lançando nuvens, fogos, e bramidos,
 Vem empolando o mar, e traz diante
 Montes de agua, dos sopros impellidos ;
 A esfera superior quasi nutante
 Se admira em ver que os ventos atrevidos
 Mostraõ, batendo os procellosos mares,
 Querem levar a terra pelos ares.

A gran-

XLI.

A grande nao, que Alcino governava;
 Em Creta fabricada, não podendo
 A's ondas resistir, com que lutava,
 O lado abrindo, os mares vay bebendo:
 A de Philon o centro, e Ceo tocava,
 Que sem leme, e sem arvores correndo,
 Cahe nos braços do vento, e da tormenta
 Nas rochas, aonde em flor o mar rebenta.

XLII.

Rotas as vellas, e arvores rendidas,
 Vendo que o mar engrossa, os ventos creíscem,
 As outras naos ás ondas atrevidas
 C'uma pequena vella se offerecem:
 As mais da companhia divididas
 Raras por entre as ondas apparecem,
 Nas mãos do vento, de Orion armado,
 De horror, e negras sombras carregado.

XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,
 Que as naos rendidas leva, e desgarradas,
 Os naufragios, as mortes, e a riqueza
 De Troya entregue ás ondas empoladas:
 Desce ao grande Neptuno com presteza,
 Dizendo: Acode Rey ás mal tratadas
 Naos, primeiro que o vento poderoso
 Lhe dê (se não deo já) fim lastimoio.

XLIV.

Se Ulyfles, e Agamenon abrazaraõ
 A Troya, alto decreto foy divino,
 Que as Gregas armas nella executaraõ,
 Que mal pôde eftorvarfe o que he destino:
 Com que ordem os duros ventos levantaraõ
 Em ferras todo o Reyno Neptunino?
 Pois por Venus fem outro fundamento
 Solta Eolo as prizoens ao bravo vento.

XLV.

Para mim o teu rogo, o teu mandado
 (Neptuno lhe tornava) he ley segura,
 O vento cefse, e a teus pés prostrado
 Victoriofa lhe opprime a cerviz dura:
 Que ainda que de Ulyfles enojado,
 Por ti me esquece tudo, ó deofa pura,
 E affaz de pouco faz quem te obedece:
 Quando te vê, fe tudo o mais lhe esquece.

XLVI.

Agora o mar fe abrande: ifto dizendo,
 Sobe no carro azul, que vaõ tirando
 Escamosos cavallos, que vertendo
 Hiaõ fogo da vista, o mar cortando:
 As ondas amariffimas bebendo,
 Que sobre ellas em arco vaõ botando,
 Neptuno a nova colera os incita,
 Soa o açoute, e aos cavallos grita.

Sobre

XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta
 O carro, que seu pezo reconhece,
 Vibra o largo tridente, o vento espanta,
 Quando mais indinado se embravece :
 Solta a medonha voz com furia tanta,
 Que no mais fundo Thetis estremece,
 Que o som da voz, e a força do tridente
 Amanfa o vento, e os mares juntamente.

XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,
 Que sobre o pardo peito descansava,
 O liquido crystal correndo em fio
 Lavando os membros nús, ao mar tornava :
 Já se humilha de medo o vento frio,
 E aos pés por lhos beijar se debruçava,
 Da crespa fronte voa em si revolto
 O molhado cabello ao vento solto.

XLIX.

Fogem do ar as nuvens num momento ;
 Sereno o mar se mostra, o Deos irado
 Voltando o rosto diz ao bravo vento,
 Que rendido a seus pés está prostrado :
 Onde se vio tamanho atrevimento,
 Que estou ? Porém soceguese o alterado
 Movimento das ondas, e prometo,
 Que eu o emende, estando o mar quieto.

L. IX

Dizey ao voffo Rey, que elle dós ares
 As furias mova, e tempeftade fria,
 Arranque os mores montes, que dos mares
 Só eu tenho a profunda monarchia,
 Occupe fuas cavernas, e lugares,
 Onde nunca chegou a luz do dia,
 Lá tenha feu imperio preminente,
 Que o mar só reconhece o meu tridente.

L. X

Disse, e o carro veloz atravessava
 Sobre o undoso campo, que cobrindo
 De branca escuma vay, quando passava
 A leve roda, alto caminho abrindo:
 Já para acompanhallo se ajuntava
 Copia dos deoses humidos, sahindo
 Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,
 Que em cavallos maritimos cortavaõ.

L. XI

Deixaõ das ondas o ceruleo claustro
 Os Cidadãos do mar, e as excellentes
 Ninfas sahindo no soberbo plauftro,
 Na agua accendendo vaõ chamas ardentes:
 Deixaõ feu brio, e grandes forças Austro,
 Africo, e Noto, sendo taõ valentes,
 Toda a ira depoem, e os negros ares
 Apartaõ, focegando os grollos mares.

Qual

LIII.

Qual de humã negra phoca o dorso opprime,
 Que no liquido campo governava,
 Qual num monstro disforme, alto, e sublime
 Abre o puro crystal, que se humilhava:
 Qual sobre hum lobo sahe, e a lança esgrime
 Do coral, que com o ar se congelava,
 Qual pelas crespas ondas, que atravessa,
 O cavallo maritimo arremessa.

LIV.

Vem num ceto disforme com canino
 Aspecto o velho Glauco, e de Atamante
 Palemo filho, e da formosa Ino
 Nadando num delfim, vinha diante:
 O buzio toca retorcido, e fino
 O filho de Salacia, e a prestante
 Thetis faz sobre o mar doce chorea,
 Com Symodoce, Spio, e Panopea.

LV.

Phorcis pay de Medusa tambem veo
 Com seu copioso exercito nadando:
 Forma humana tomou o graõ Proteo,
 E das phocas o segue o immundo bando:
 Fere a liquida prata o graõ Nereo,
 A redea diamantina governando,
 Com que modera a verdinegra boca
 D'uma arrogante, e prodigiosa phoca.

Qual

LVI.

Qual valeroso Capitaõ , que tendo
 Alcançada victoria gloriosa ,
 No campo fica alegre, recolhendo
 Despojos da batalha sanguinosa :
 E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,
 Leva diante em pompa sumptuosa :
 Assim dos seus Neptuno acompanhado
 Victorioso passeia o mar salgado.

LVII.

Como isto entendeo Phebo, com luz branda
 O diafano ar alegre enchia :
 Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,
 E o Norte frio o largo Ceo varria :
 Riaõse as ondas, todo o mar se abranda,
 E em prisaõ dura logo recolhia
 O grande Eolo os alterados ventos,
 Concertaõ paz segura os elementos.

LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente
 O favoravel vento o solto pano,
 Quando já de Climene o filho ardente
 Morre, abrazando as aguas do Oceano :
 A noite foge , a mal tratada gente
 Do trabalho passado em doce engano
 Pelo convez o pezo suspendia
 Do cuidado, e cansada fantasia.

A touca

LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,
 Nas ondas lava a Aurora fugitiva,
 E a agua em puras gotas congelada
 Recebe a concha sobre o mar lasciva:
 Que dentro della em perolas formada
 Sahe para honrar a testa mais altiva,
 Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,
 Pura neta do Sol, filha da Aurora.

LXI.

Vemos, rompendo o Sol, estar defronte
 A grande Ilha de Scyro, onde alterado
 Neptuno os cornos da cerulea fronte
 Quebrando se retira de affrontado:
 Onde as nuvens assalta hum grande monte,
 A quem a seu pezar tinha tomado
 Thetis tamanha parte de seu centro,
 Que espalha as ondas com silencio dentro.

LXI.

Para huma parte a levantada ferra,
 Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,
 Huma alegre enseada dentro encerra,
 De assentos rodeada, em pedra viva:
 Onde huma, e outra fonte a fresca terra
 Cruza em serpes de vidro, e se deriva,
 Que offendida das pedras, que tocava,
 Com espumosas bocas murmurava.

Aqui

LXII.

Aqui das Ninfas era usado assento,
 Que aquelles frescos bosques habitavaõ,
 E alli seguras do inquieto vento
 As naos se recolhiaõ, e ancoravaõ:
 Sem dos mares sentir o movimento
 Dormindo sobre as ancoras passavaõ,
 Aqui folta, chegando hum, e outro pinho,
 Unhas de ferro, encolhe azas de linho.

LXIII.

Sahe a gente affligida, e destroçada,
 Bebe das fontes a copiosa vea,
 A terra beija, e deitase cansada,
 Por descansar na molle, e branda area:
 Ferio Alcipo a pedra congelada,
 Invençaõ de Pirode, e o fogo atea,
 Ao lume secas folhas chega, e logo
 No arido alimento cresce o fogo.

LXIV.

Contentes se enxugavaõ nas amigas
 Flâmas, vencido já o mortal perigo:
 Aprendendo das providas formigas,
 Tiraõ para enxugar o molle trigo:
 Em quanto nestas asperas fadigas
 Se occupavaõ os mais, eu só comigo,
 Entrando num profundo sentimento,
 Fallava, e respondia ao pensamento.

LXV.

Pelas ondas os olhos alongando ,
 Nellas os companheiros mortos via,
 Que o grosso rolo da agua vem botando
 Pela deferta praya, humida, e fria :
 Ao monte alto subia , imaginando
 Que de mais longe o mar descobriria,
 E co' a alma nos olhos corro os mares,
 Sem o peso os deter de meus pezares.

LXVI.

Crendo que as naos ao longe divizava,
 Alvorçado desço do alto monte,
 Quando já á tarde fria o Sol pintava,
 Bordando de ouro as nuvens do horizonte:
 Creonte, que eu comigo entãõ levava,
 Hum rebanho de vacas vê defronte
 Andar pascendo , e logo desviados
 Em bandos os cornigeros veados.

LXVII.

Cautamente se chega, o espaço mede,
 Junta as pontas do arco, e sacudindo
 A corda , sahe veloz. que o vento excede,
 A mortal setta , o ar delgado abrindo :
 Chega onde a vista aponta , e mata a fede
 No sangue de hum graõ touro , que cahindo
 Defanimado morde a terra, e sólta
 A alma robusta em negro sangue envolta.

Eu

LXVIII.

Eu logo á praya defço, e alli chegados
 Os navios, que aos mares escaparaõ,
 Na terra ancoras prendem, que os soldados,
 Da proa com destreza ao mar lançaraõ:
 Entre a furia dos ventos alterados
 Ao longe apenas dous se divizaraõ,
 Que quando mais de perto os descobrimos,
 Perecer juntos entre as ondas vimos.

LXIX.

Os casos da fortuna mais temidos,
 (Lhes digo) vence lô quem a despreza,
 Que dos lugares altos, e subidos
 Todo o caminho he cheyo de aspereza:
 Dos trabalhos passados, e vencidos
 Se alegra o forte, que de os ter se preza,
 Que o perigo mais aspero, e mais grave
 A passada lembrança o faz suave.

LXX.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso
 Da futura alegria da esperança,
 Passado o tempo triste, e procelloso
 As vellas enche a prospera bonança:
 Refaçamos a armada, e com piedoso
 Affecto aos corpos, que na praya lança
 O mar, demos sepulcro eterno, e breve,
 Que ços mortos piedade usar se deve.

LXXI.

Logo sem vida cahem os levantados
 Preixos nos altos montes, e as sagradas
 Palmas, e os negros alamos casados
 Co' as vides em seus troncos abraçadas:
 E os velhos foveiros renovados,
 Que as duras tempestades indomadas
 Tinhaõ vencido, já feridos tremem,
 E com seu grave pezo os carros gemem.

LXXII.

Todos em reparar com pressa entendem
 Das naos bancos, e remos, e traziaõ
 De longe o bosque, e o trabalho aprendem,
 Que entre todos com gosto repartiaõ:
 Antenas sobem, de que as vellas pendem,
 De enxarcia os negros pinhos se cobriaõ,
 Outros ao pio officio se inclinavaõ,
 E humilde sepultura aos mortos davaõ.

LXXIII.

Inclinada de todo a luz se via
 Do Sol sobre os dourados horizontes,
 E a noite a duvidosa luz vencia,
 Roubando a graça das muscosas fontes:
 Sobre os humildes valles já cahia
 A escura sombra dos ceruleos montes,
 E quantos olhos o repouso ferra,
 Tantos o Ceo abria sobre a terra.

LXXIV.

Por descansar o espirito affligido,
 Numa lapa, que o mar cavando abrira,
 Quiz repouzar, mostrandome o sentido,
 Que o repouso de hum triste era mentira:
 Depois de ao sono grave estar rendido,
 Sonhando vi o que acordado vira;
 Que o mal, que me occupava a fantasia,
 Me representa a dor que naõ dormia.

LXXV.

Em sonhos huma deosa me apparece,
 E que comigo falla imaginando,
 Vejo que seu amparo me offerece,
 E para vela o rosto levantando
 Chego, logo ajoelho, e me falece
 O alento, e vou cahindo, e despertando,
 Vendo a deosa lhe digo: O' soberana
 Divindade escondida em fôrma humana:

LXXVI.

Quem es formosa deosa, que comigo
 Usas taõ desusada cortezia?
 Já naõ temo do mar algum perigo,
 Sendo tu meu amparo, e minha guia:
 Sou Idotea (diz) filha do antigo
 Proteo, que no mar as phocas guia,
 Fiquei ouvindo, e vendo a luz sagrada,
 Confusa a alma, a vista perturbada.

LXXVII.

Conteilhe quanto tempo andara errando,
 Entre as ondas do mar embravecido,
 Co' a fortuna mil vezes pelejando,
 Alagado outras tantas, e perdido:
 Como vira tres vezes declinando
 Do Sol o ardente carro, ter medido
 Do vellocino os circulos dourados,
 Indo abraçar os peixes prateados.

LXXVIII.

Como vira tres vezes as amigas
 Casas do Ceo formoso, e radiante,
 Para dourar as pallidas espigas
 Passar de Daphne o desprezado amante:
 Como vira das ferras mais antigas
 No cume levantado, e arrogante
 Tres vezes as cabeças carregadas
 Das graves cans, das aguas congeladas.

LXXIX.

Disselhe entao: Pois sabes o futuro
 Segredo em ouro escrito no volume,
 Que em seu archivo guarda o fado escuro,
 E o tempo gastador ja mais consume:
 Destes annaes divinos ver procuro
 Em tua boca hum rasto, hum vivo lume,
 E desta pura luz hum rayo claro
 Do que no seyo esconde o tempo avaro.

LXXX.

Respondeome : Só Proteo tem sabido
 O que queres de mi, porque presente
 Lhe he tudo o que ha de vir, por escondido,
 Por guardado que estê na etherea mente:
 Quando o Sol ao mais alto está subido
 Por estas grutas passa a festa ardente,
 E nesta penha o feu armento enorme
 Lhe faz guarda velando, em quanto dorme.

LXXXI.

Velo-has armado, e nesse mesmo instante
 A fórma muda, em puro fogo ardendo,
 Como serpe se enrosca, ora arrogante
 Leão se finge com bramido horrendo:
 Se alli o apertas com valor constante,
 As entranhas dos fados revolvendo
 Descubrirá os segredos, e a verdade,
 Que inda no seyo esconde a eternidade.

LXXXII.

Nesta muscosa lapa na abraçada
 Festa entra Proteo quando o Sol ardia,
 Na mais secreta parte, e mais guardada
 Me escondo, elle se inclina, em fim dormia:
 Nos braços o apertei, da desusada
 Força espantado Proteo em pé se erguia,
 Qual Deos faz este engano a vozes grita,
 E faz por se soltar força infinita.

LXXXIII.

De hum leaõ ferocissimo tomava
 A horrenda fórma, e duros braços prova,
 Como serpe escamosa se enroscava,
 E em outras cem mil fórmas se renova:
 Os incendios das fauces vomitava
 Com antigo saber, e industria nova,
 E quando lhe naõ val a força, e brio,
 Quer escapar em fugitivo rio.

LXXXIV.

Com mais forças nos braços o sustento,
 Porque responda nelles apertado,
 Quantos annos o mar, e o furdo vento
 Me negariaõ porto desejado:
 C'uma voz carregada, e com violento
 Torcer de olhos me diz: O immobil fado,
 Por te fazer no mundo sempiterno,
 Te dará por trabalhos nome eterno.

LXXXV.

Antes de ver o porto, que desejas,
 Entre o furor dos procellosos mares
 Quer o fado, que varios climas vejas,
 Alheos Ceos passando, alheos ares:
 Até que vivo no sepulcro estejas
 D'um monte, e os companheiros, que leares,
 Verás despedaçar com graõ fereza,
 Honrando os pratos de huma imúnda meza.

Huma

LXXXVI.

Huma garça com huma aguia do profundo
 Sahir verás com grande agilidade
 Lá onde Phebo morre, onde outro mundo
 Espera de seu rosto a claridade:
 Neste lugar o fado mais jucundo,
 Te permite fundar huma Cidade,
 Que a todas as do mundo a palma toma,
 Perdoe a alta Carthago, a illustre Roma.

LXXXVII.

Soltei Proteo dos braços admirado
 Do que lhe ouvira, e n'alma me entristece
 Ver a que males me reserva o fado,
 Que a vida só em cuidallo desfalece:
 Em tanto Proteo toma do ar delgado
 Varias fórmãs, e já desapparece,
 Fico entre as pedras, do que tinha ouvido;
 Estatua viva, hum Calpe com sentido.

LXXXVIII.

Os cavallos do Sol, affugentando
 As lucidas estrellas, no ar se viaõ,
 Que do primeiro resplendor dourando
 Os fins Eoos, com seu fogo ardiaõ:
 Settas de luz o ar atravessando
 O liquido crystal do mar feriaõ,
 Aonde a luz vacillante parecia,
 Sobre as tremulas ondas que tremia.

LXXXIX.

Quando de Scyro as prayas encurvadas
 Deixo, e cortando vou o argento undoso,
 Da antena as vellas concavas inchadas
 Abrem no vasto mar rasto espumoso:
 Temo inda as couças, que já são passadas,
 No por vir vigilante, e cuidadoso,
 E com fingidas mostras de alegria
 O mal, que n'alma levo, desmentia.

XC.

Os males, que Proteo vaticinava,
 Me espantaõ, quando a mente os considera,
 De não ficar em Scyro me pezava,
 Onde vida, e descanso ter podéra:
 Sem ao fado attender, que me chamava
 A ver os climas d'uma, e d'outra esfera,
 Que apos estes perigos, sem temellos,
 Arrastando me traz pelos cabellos.

XCI.

Da bella Phebe o carro vagaroso
 Pelos campos do Ceo correr se via,
 Quando as feras do curso trabalho
 Descansaõ do prolixo, e largo dia:
 Quando Juno do Olimpo luminoso
 Iris mandava, que do Ceo descia,
 No ar junto das naos librando esteve
 O leve corpo sobre o vento leve.

XCII.

Entrou donde em repouso mais suave
 (Se he repouso o que toma hum descontente)
 Eu refazia do trabalho grave
 O mal, que n'alma tinha taõ presente:
 Alli me diz: Quem ha que tanto aggrave
 Hum coração taõ bravo, e taõ valente,
 Cujo valor o mundo todo affombra
 Do principio da luz té o fim da sombra?

XCIII.

De Proteo a profecia naõ te espante;
 Que a feya noite traz manhã ferena,
 E os mais asperos casos o Tonante
 Muda, e dos fados a ordem defordena:
 Vaõ sempre os valerosos por diante,
 Naõ se acha gloria, sem passarse pena,
 E os que persegue mais, e os que importuna
 Vencem soffrendo os casos, e a fortuna.

XCIV.

O trabalho he escada da subida,
 O marmol mais polido, e mais lavrado
 Por golpes do instrumento teve vida
 Para se ver da terra levantado:
 A pedra, que nas veyas escondida
 A nobre chãma tem, se o temperado
 Fuzil a fere, mostra em fogo aceza
 A ignea, e levantada natureza.

XCV.

Ficão grandes trabalhos sendo leves,
 Se as glórias vês, que o Ceo te representa,
 Quando teu nome illustre a partes leves,
 Que outro Ceo cobre, que outro Sol aqueça:
 Isto Juno te diz, a quem já deves,
 Quando de tuas obras se contenta,
 Segue o que a forte, e fado te offerece,
 Que o Ceo sempre os oufados favorece.

XCVI.

Sabe, que quando a Armada Grega esteve
 Quasi perdida, Venus o ordenava,
 Que este poder do grande Eolo teve,
 Que furia, e liberdade aos ventos dava:
 Quando do Ceo com movimento leve,
 Juno descendo os mares applacava,
 E o Rey do mundo da agua num momento
 Recolheo nas prizoens o solto vento.

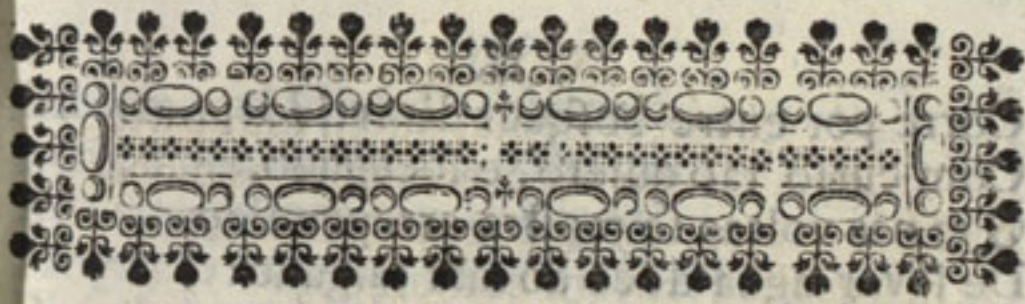
XCVII.

Disse, e de sua rara formosura
 O resplendor suave, e peregrino
 Tornando em claro dia a noite escura,
 Hum rasto deixa no ar puro, e divino:
 O' mensageira, digo, da mais pura
 Deosa, que piza o corpo crystallino,
 Em que a fortuna, e inveja ache inimigas
 (Emulas da virtude, e esforço antigas.)

XCVIII.

Naõ póde haver, ó deosa, quem me aparte
De obedecerte em tudo, armemé os fados,
Arme-se a terra, desça o proprio Marte,
Os mares se levantem conjurados:
Na mais remota, e mais deserta parte,
Na zona ardente, e polos congelados
Vencer espero com favor de Juno
Força dos fados, iras de Neptuno.





ARGUMENTO DO TERCEIRO CANTO.

*C*omo a ver os Lotophagos passara,
 Conta Ulysses, e o porto Lilibeo,
 Como com seu rebanho alli encontrara
 A Polifemo, monstro informe, e feo:
 A quem da vista lucida privara,
 As vellas entregando ao mar Egeo,
 Partese, e Circe, vendo seu desejo,
 Lbe ensina os mares, onde morre o Tejo.

I.



Rosegue o Grego, e todos escutavaõ:
 No porto de Latophago famoso
 Sobre as fortes amarras descansavaõ
 As naos do curso largo, e trabalhoso:
 Onde as fontes juntandote formavaõ

Num fresco valle hum rio caudaloso,
 Cuja corrente fertil, e serena
 Faz a praya de Hyperia mais amena.

Corre

II.

Corre por entre bosques divertido
 Com curso taõ quieto, e socegado,
 Que nas voltas se mostra arrependido
 De levar agua doce ao mar salgado:
 Deixava o arvoredor ao Ceo subido
 Dentro no espelho da agua seu traslado,
 E em suavissima sombra lhe pagava
 O ser, e a vida, que a seus troncos dava.

III.

As arvores de pomos carregadas
 Livres ao gosto, e maõs se offerenciaõ,
 E os de que incautamente saõ tocadas,
 Do mal, e bem passado se esqueciaõ:
 As naturaes potencias perturbabas,
 Como estranhas correndo, nos fugiaõ,
 Era este triste venturoso estado,
 Onde nada lembrava do passado.

IV.

Hum velho venerando aqui encontramos
 Entre os guardados bosques, e espessura,
 A que este graõ segredo perguntamos,
 De fruita taõ sabrosa, e mal segura:
 Elle nos conta, que nos proprios ramos,
 Aos olhos convidando a formosura,
 Aspide o pomo he do bosque ameno,
 Que esconde em sua belleza o seu veneno.

V.

Creouse aqui (dizia) a soberana
 Lotis, a que inclinou a natureza
 Ao suave exercicio de Diana,
 Fatigando dos montes a aspereza:
 Divindade escondida em fôrma humana,
 De forte pobre, rica de belleza,
 Foy destes montes rara maravilha,
 Neta de Ope, e de Neptuno filha.

VI.

Destes bosques foy Ninfa, a elles dava
 O tempo todo, quando o Lampaslano
 Seguindo os mesmos montes, que habitava
 Prezo se achou de seu olhar sereno:
 E para a grande pena, que passava,
 Sentindo o coração vaso pequeno,
 Nestes troneos tambem quiz que viesse
 Seu bello nome, que com as plantas crésse.

VII.

Quantas vezes o orvalho fresco, e brando
 Da manhã nos cabellos lhe cahia,
 Quando as feras seguindo, e fatigando,
 Nestes montes a achava o novo dia:
 Quantas nas horas graves reclinando
 O debil corpo. em quanto o Sol ardia,
 Entre o repouso vinha a ter diante
 Este seu novo, não amado, amante.

VIII.

Alli nos proprios cestos, que tecera,
 Lhe offerencia as frutas mais mimosas,
 Nos proprios ramos a madura pera,
 As cerejas, e as ginjas vergonhosas:
 As camoezas gentis da cor decera,
 E no Outono o razimo das sabrosas
 Uvas, que com o orvalho puro, e leve
 Póde escusar artificiosa neve.

IX.

Hum dia lhe contou como encontrara
 Naquelles montes huma Ninfa bella,
 Que nos olhos a vida lhe levara,
 Deixandolhe só o gosto de perdella:
 E ella com descuido perguntara,
 Quem era, por poder amalla, e vella;
 Mas elle com cautela respondia,
 Que noutra occasião lha mostraria.

X.

Subiraõ ambos a este monte, quando
 Na mais fragosa parte do alto monte
 Num espelho, que fórma alegre, e brando
 De seus crystaes huma copiosa fonte:
 Alli, lhe diz, que estava, ella entra olhando,
 Quando se vê a si mesma estar defronte,
 Foge, vendo que ao mal a causa dera,
 E inda de si fugira, se podéra.

XI.

Deixou-o sem reposta, e perturbado,
 Passaraõ muitos, té que veyo o dia,
 Que reclinando o corpo fatigado,
 Sobre a relva gozava a sombra fria:
 Elle que a vio, e tempo accommodado
 Para alcançar o bem, que pertendia,
 Com força fez, e solta liberdade
 As maõs executoras da vontade.

XII.

Resistio, defendeo sua pureza
 Com força, e gritos animosamente,
 Armas, de que usa a femil fraqueza,
 Com que das maõs lhe escapa diligente:
 Co' as delicadas plantas a aspereza
 Destes montes medio, tendo presente
 Do falso amante o enganoso enredo,
 E ao fugir lhe emprestava azas o medo.

XIII.

Depois de largo espaço perseguida,
 Quando já a voz, e alento lhe faltava,
 (Que naõ correo assim cerva ferida
 Ao dictamo ligeira, que buscava:)
 Os olhos levantou ao Ceo rendida,
 Quando, qual planta, a planta se pegava
 A' dura terra, que ambas penetraraõ,
 E em torcidas raizes se trocaraõ.

XIV.

Vão raizes ao centro penetrando,
 Tudo o que ao ar o tronco vay subindo,
 Vestese de corteza o peito brando,
 E nella se escondia o gesto lindo:
 Nos pomos, que produz, e vay creando,
 O Ceo taõ graõ veneno está influindo,
 Que já mais permittio que alguém tocasse,
 Que do que era passado se lembrasse.

XV.

A tez do rosto vendo áspera, e dura,
 E os cabellos, que ao Sol escureciaõ,
 Em ramos já trocados, e a brandura
 Das mãos, que em verdes folhas se estendiaõ:
 Arde o Deos de Helesponto, que a figura
 Mudada vê, dos olhos que o feriaõ
 O tronco abraça, lagrimoso, e triste,
 Que aos braços foge, e sem poder resiste.

XVI.

O remedio promptissimo, que usamos,
 He levar os enfermos quando o dia
 Lança os primeiros rayos, e os banhamos
 Nos crystaes puros de huma fonte fria:
 Quando para os banhar na agua tocamos,
 Elles se apartaõ com mortal porfia,
 E apagando na fonte a sede ardente,
 Bebem na agua o remedio juntamente.

XVII.

A todos nos admira o que lhe ouvimos,
 E para recolhermos os soldados,
 Huns corremos o bosque, outros subimos
 Os montes de arvoredos povoados:
 Como se recolheraõ, conferimos,
 Se he melhor esquecer, ou ser lembrados,
 O estado antigo a alguns melhor parece,
 Onde o passado bem, e o mal esquece.

XVIII.

Logo todos nas naos se repartiraõ,
 Para os mesmos lugares, que tem nellas,
 Do fundo para cima ancoras tiraõ,
 Do alto para baixo largaõ vellas:
 Já os alegres ventos, que respiraõ,
 Sopraõ com mayor força por enchellas,
 E de Neptuno as crystallinas cazas
 Atravellaõ as naos com brancas azas.

XIX.

Se me naõ lembra mal, nos mezes era,
 Que o velho mundo reverdece, e nasce,
 De Colchos o animal em sua esfera
 Dourava o puro Sol com roxa face:
 Quando o touro da nova Primavera
 Em prados de çafira estrellas pasce,
 E ao prezo rio o claro Sol desfata
 Dos grilhoens de crystal os pés de prata.

Já

XX.

Já pelo mar Thirreno atravessavaõ
 Cortando as naos a larga, incerta via,
 Vem do Etna ao longe as chãmas, que ondeavaõ,
 Com que vencendo a noite o monte ardia:
 Nas pedras abrazadas, que voavaõ,
 De Vulcano a officina parecia,
 Onde nuvens de fogo ardendo em ira
 Contra o graõ Jovè Encelado respira.

XXI.

Alli o fero Gigante atado, e prezo
 Sulfureo fogo, e negro fumo exhala,
 Quando nos hombros muda o grave pezo,
 Que co' as immensas forças mal iguala:
 Graõ terremoto excita o fogo acézo,
 Que as cidades maritimas abala,
 Movendo o grave, e inaccessivel monte,
 De vivo incendio nunca exhausta fonte.

XXII.

Desafiando o alto Ceo, e estrellas,
 Com mil bombas de fogo levantadas,
 Cometas lança ao ar, vendose entre ellas
 As brancas cabelleiras inflammadas:
 Que não podendo as chãmas acendellas
 Nas altas grenhas nunca penteadas,
 Se vê de longe com distancia breve
 Na boca fogo, nos cabellos neve.

XXIII.

Aqui chegamos, quando o Sol dourado
 Para os braços de Tethis já descia,
 De Phlegon, e de Eoo arrebatado,
 Que levaõ a fenecer nelles o dia:
 O Ceo compunha vespero inclinado,
 E as estrellas por tochas acendia,
 Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occidente
 Morre por ir nascer entre outra gente.

XXIV.

Num porto entrey, que em seu regaço o monte
 Lilibeo fórma, e quando se apressava
 O Sol para sahir sobre o horizonte,
 Eu do dia os crepusculos pizava:
 Subo, e hum grande rebanho vi defronte,
 Que os estendidos valles occupava,
 Cheguei, imaginando que acharia
 Favor na gente, amparo, e companhia.

XXV.

Já fahiaõ pizando os corredores
 Do Sol as pardas nuvens, ainda escuras,
 Ferindo c'os primeiros resplandores
 Dos empinados montes as alturas:
 A Aurora já nos prados, e nas flores
 Esperdiçando vay perolas puras,
 Com que taõ liberal do humor celeste
 Doura o Ceo, orna o campo, as flores veste.

Quando

XXVI.

Quando seu manso gado apascentando,
 Mais de perto hum pastor se me offerece,
 Que nos robustos membros imitando
 Hum monte, hum vivo monte me parece:
 Hum natural cometa scintillando
 Da levantada testa resplandece,
 De pelles he o vestido, a que hum pezado
 Pinho ferve de arrimo, e de cajado.

XXVII.

Nas ondas imitava o denegrido
 Cabello as de Cocyto, que naõ sente
 Cultura, antes hirsurto, e retorcido
 Sobre os hombros lhe cahe naturalmente:
 Do queixo prodigioso dividido
 Em duas se despenha huma corrente
 Da intonsa barba, que correndo immunda;
 Prodigamente o largo peito inunda.

XXVIII.

Sete defiguaes canas ajuntara,
 Que como orgaos unio com molle cera;
 Onde do ar a regiaõ mais clara
 O duro som com grave alento altera:
 O grande estrondo, que nos montes pára,
 Rompe o silencio, e a resposta espera,
 Com que Echo, que elcutando está defronte;
 Mostrava que tem alma, e voz o monte.

Neste

XXIX.

Neste instrumento horrifono applicava
 A boca por dar vida ao instrumento,
 Onde alternando os dedos o animava,
 Dandolhe voz co' som, alma co' alento:
 Tocando as canas defiguaes foava,
 Ora em agudo, e ora em grave acento
 Por Galatea, que nas aguas mora,
 Sem dar repouso á fiftula sonora.

XXX.

A alma ferida, e abrazada tinha
 Por Galatea, que abrandar deseja,
 A contarlhe sua dor, e os males vinha,
 De que foy causa huma amorosa inveja:
 Onde Lyparis claro ao mar caminha,
 E onde espera que della ouvido seja
 Namorado dizia: (eu entre tanto
 Me paro a ouvir o defusado canto.)

XXXI.

Galatea formosa, em cuja neve
 Achou principio o fogo peregrino,
 Que me soube abrazar, e a culpa teve
 Deste meu amoroso delatino:
 Se me queres matar, e a amor se deve
 Matarme, do teu ouro crespo, e fino
 Hum laço me darás, bella homicida,
 Onde suspendas co' a esperança a vida.

XXXII.

A ti no prado imita a pura rosa,
 Quando quer exceder-se na belleza,
 Por ti retrata, como mais formosa,
 As que mais bellas faz a natureza:
 Ouve esta triste voz, que he só ditosa
 Quando tua graça canta, e gentileza,
 Que por vangloria sua amor ordena,
 Que teus louvores cante, e minha pena.

XXXIII.

Esta ribeira com te ver floresce,
 Aonde de Amalthea se derrama
 A copia, que tua luz, quando apparece,
 Anima as flores, e este prado inflâma:
 Nasce a flor, abre a rosa, a planta cresce,
 Só triste chora quem te busca, e ama,
 Perde o sentido quem te vê presente,
 E dá sentido a hum monte, que não sente.

XXXIV.

Se abres os bellos olhos, num momento
 O Ceo se alegra, e doura, e te namora,
 As pardas nuvens fogem, o bravo vento
 Se recolhe nas grutas, onde mora:
 Rouba o teu peregrino movimento
 O officio, e o poder á branca Aurora
 Flores abrindo, as conchas deste rio
 Perolas geraõ, sem colher rocio.

XXXV.

Vivo imiga de verte , e quando vejo
 De teus olhos a pura claridade.
 Não quero mais da forte, nem desejo
 Mór premio da perdida liberdade:
 E amor (pois me não mata amor sobejo)
 Quer sem te ver matarme de faudade,
 Com nova tyrannia amor me trata,
 Se me matar, sem ver a quem me mata.

XXXVI.

Se tantos males soffro, ó Galatea,
 Tambem me soffre que t'os cante, e conte,
 Cansada deste rio a mansa vea,
 Cansadas tenho as grutas deste monte:
 Ah quem, para que a pena se lhe crea,
 Te mostrara no espelho desta fonte
 O ardente coração, firme, e seguro
 Mais que os rochedos, mais que as ondas puro;

XXXVII.

Dizei com verdes folhas arvoredos
 (Que são linguas do monte) o que me ouvistes,
 De que fiei a fé de meus segredos,
 E a cujos rroncos dei lagrimas tristes:
 Dizei-o vós, ó concavos penedos,
 Quantas vezes as queixas repetistes
 De minha imiga, e o echo, que me ouvia,
 A ultima voz, imiga, repetia.

F.

A neve

XXXVIII.

A neve he escura, ó Galátea formosa;
 E sem cor o rubi mais abrazado,
 A çafira sem luz, sem graça a rosa,
 E o ouro a par de ti menos dourado:
 Que em tua alvura, e boca graciosa,
 Olhos, e face, e nesse longo ondado
 Cabello guarda amor em mór thesouro
 Neve, rubi, çafira, rosa, e ouro.

XXXIX.

Quando por cima da divina prata;
 Galatea, o cabelo de ouro estendes,
 Num só fio, que o vento te desfata,
 Mil almas atas, mil vontades prendes:
 A minha, que desprezas, como ingrata,
 Em te amar só se vingá, e se te offendes,
 A culpa de offenderte, e de enojarte
 Paga offendendo com de novo amarte.

XL.

De teus raros estremos de belleza
 Os mesmos elementos se namoraõ,
 Perdem vendote os ventos a braveza,
 Como deosa do mar todos te adoraõ:
 Minha constancia, e tua gentileza
 Dous prodigios iguaes, e raros foraõ,
 Que ambos nos fez dous monstros a ventura,
 A mim de amor, a ti de formosura,

Hum

XLI.

Hum dia junto ao mar te estavas vendo
 Nos crystaes da agua pura, e socegada,
 Alli amor me fazia estar temendo,
 Que ficasses de verte namorada:
 Mas ah Ninfa, que digo, que te offendo;
 Que naõ podes em flor verte mudada,
 Porque quando este caso te aconteça,
 Naõ tem o prado flor, que te mereça.

XLII.

Gostos defacordado estou sonhando,
 Abrindo as portas d'alma a pensamentos;
 E Acis em teu regaço alegre, e brando
 A cabeça reclina, e braços lentos:
 Naõ he novo hum ditoso estar gozando
 Do infelice os vaõs contentamentos,
 Naõ lhe invejo a riqueza, ou formosura
 Só lhe invejo, se o amas, a ventura.

XLIII.

Ha pouco que levando o manso gado
 Junto das fraldas deste freisco monte,
 Me vi de membros bem proporcionado
 No crystal puro de huma clara fonte:
 Que o grande olho do Ceo, do Sol dourado,
 Imita este, que me honra a altiva fronte,
 E toco quando subo a este rochedo
 As nuvens co' a cabeça, o Ceo co' dedo.

XLIV.

Que tigre, que leoa embravecida
 Me estorvou, que seus filhos lhe levasse
 Das tetas, e apos isso a mesma vida,
 Se resistio, nas maõs me não deixasse?
 E qual na velocissima corrida
 Houve ligeiro cervo, que escapasse
 De dar a dura testa, carregada
 Das armas, de que foy vãmente armada?

XLV.

De quanto o monte tem, serás senhora;
 De quanto veste ao prado de alegria,
 Que roxinol, que os valles, onde mora,
 Enche de suavissima armonia:
 Qual rosa, que abre Abril, filha da Aurora;
 Qual pomo, que horta mais vedada cria,
 Não verás nessa maõ divina, adonde
 Seu poder a fortuna, e amor esconde?

XLVI.

Aqui, pescando as trutas mais sabrosas,
 Verdes naças no rio esconderemos,
 Eu num barco ligeiro as vagarosas
 Ondas cortando irei com duros remos:
 Ora os curvos enzoes das mentirosas
 Iscas ao doce engano cobriremos,
 Offerecendo aos peixes na comida
 Entre a saborosa dor morte escondida.

XLVII.

Acis he hum pastor affeminado,
 E dono vil de huma manada pobre,
 Naõ póde ser comigo comparado,
 Cujos rebanho tantos montes cobre:
 De Neptuno, que rege o mar salgado,
 Sou filho, quem mais rico, e quem mais nobre?
 Ficarás deste mar sendo senhora,
 Do filho esposa, e de Neptuno nora.

XLVIII.

Quando, Ninfa cruel, para matarme
 A este grande amor naõ correspondas,
 Naõ entendas que podes escaparme,
 Por mais que no profundo mar te escondas:
 Que espero por gozarte, e por vingarme
 Tirarte nestes braços dessas ondas,
 E se já o naõ tenho executado,
 He porque naõ queria amor forçado.

XLIX.

Affim cantava o monstro, eu quando ouyia
 O som da rouca frauta, que tocara,
 Tudo notando fuy, tudo escrevia
 Por cousa grande, e maravilha rara:
 E no verde papel das plantas lia
 Queixas, e versos, que elle alli cortara,
 Trouxe comigo a namorada historia,
 Cauza de a ter presente na memoria.

Vendo

L.

Vendo o coche do Sol, que declinava;
 E que a porta do Occaso penetrando
 Se escondia no mar, se levantava
 Só cos silvos os montes aballando:
 Quando os que me seguiaõ lhe mostrava,
 A quem o monstro a voz encaminhando,
 Com vista carregada, e importuna
 Me diz: Quem es, vil parto da fortuna?

LI.

Deves de ser sem falta algum pirata,
 Que indo buscando mais remota terra,
 Por te satisfazer da sorte ingrata
 Queres roubar os gados desta ferra:
 Se Neptuno te vence, e disbrata,
 Aqui c'um filho leu terás mór guerra:
 Eu lhe respondo: O' Semideos Gigante,
 Do mundo alta coluna, novo Atlante:

LII.

Nunca pirata fuy, nem com desenho
 De roubar naveguei; mas affligido,
 Do mar, que ha muito experimentado tenho,
 Nestas prayas sahi roto, e perdido:
 Do que pode escapar do fraco lenho
 Este vaso offereço, e se atrevido
 Te pareço em dar pouco, considera
 A vontade, que he grande, e tudo dera.

Elle

LIII.

Elle me respondeo : Quando a pobreza
 De hum pastor te agradar , podes comigo
 Ficar , em quanto Phebe em luz aceza
 Descobre o rosto no silencio amigo :
 Castanhas molles, puro leite a meza
 Te honrarão : do Gigante as plantas figo,
 A' porta chego , donde ao ar subia
 Hum monte , que nas nuvens se escondia.

LIV.

Vay ogado diante caminhando,
 Até entrar nas entranhas d'uma ferra,
 E das grossas cadeas desfutando
 Hum disforme penedo , as portas ferra :
 Já o fogo se acende , que ondeando,
 As sombras vence graves , e desterra,
 Em pelles de animaes , em molle estrado
 O monstro informe , e horrendo está prostrado.

LV.

Já a cea se prepara, e das pezadas
 Tetas de puro nectar enche hum tarro,
 Desce os queijos frescaes das penduradas
 Taboas, que rodas são de hum grande carro :
 Estaõ as crueis mesas occupadas
 De varios leites num , e noutro jarro ,
 Eu logo agradecido do que via
 Ao fero monstro humilde assim dizia :

Dar

LVI.

Dar amparo , e favor ao naufragante
 Galardoa com premio peregrino
 Jupiter; e sem ir mais adiante
 Me replicou : Que grande defatino;
 Eu não conheço a Jupiter Tonante ,
 Que sou mais forte que elle, e tão divino;
 Fallas, ó nescio hospede , e importuno,
 Com Polifemo filho de Neptuno.

LVII.

Isto dizendo, estende o braço, e logo
 Entre as mãos toma Lycio, e Amaranto,
 Nellas os despedaça, sem que o rogo
 Humilde lhe valesse, ou triste pranto :
 Come huma parte, e outra sobre o fogo
 Inda tremendo lança , e o grande espanto
 Aos Gregos, que o cercavaõ, tem mudado
 Dõ rosto a cor , o sangue congelado.

LVIII.

De Diomedes já pode a graõ crueza
 Parecer menos fera, e deshumana,
 Quando affrontando a mesma natureza,
 Pasto aos cavallos dá de carne humana :
 Já não he cruel Lynço, que se preza
 De degollar aos hoípedes, que engana ,
 Que a torpe crueldade em mór estremo
 Exercitava o bruto Polifemo.

LIX.

Já pelo escuro Ceo da fatigada
 Noite os cavallos vaõ confusamente;
 Fugindo á tocha Eoa, que a dourada
 Carroça leva ao lucido Oriente:
 Quando eu proprio na cea dilatada
 Ministrava ao Cyclope o vinho ardente;
 Que vay sentindo do licor suave
 Turbada a voz, a vista grossa, e grave.

LX.

Serás, me disse, ó hospede famoso,
 O ultimo, que mande ao triste inferno
 Por te pagar este licor sabroso,
 Que o nectar he de Jupiter eterno:
 O mitimno suave, e o cheiroso
 Faler, e sem poder dizer, falerno,
 Que as palavras turbada lhe impedira
 A lingua grossa, e ao sono se rendia.

LXI.

Profundamente o hirsurto monstro dorme
 Sobre os despojos de animaes prostrado,
 Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,
 Semimorto, em lethargo sepultado,
 Tom a alento dormindo em som disforme,
 Que no escuro aposento dilatado
 Mil echos fórma, e nelles representa
 Trovaõ fero no ar, no mar tormenta,

Eu;

LXII.

Eu, como se subira hum grande monte,
 Sobre os peitos lhe estampo a dura planta,
 E c'uma fera estaca sobre a fronte
 Rompo a medonha luz, que o mundo espanta:
 Elle banhado da purpurea fonte
 O carregado corpo mal levanta,
 Cahe a esta parte, e áquella em furia acezo,
 Sem poder sustentar seu grave pezo.

LXIII.

Com graõ furor, co' as mãos pezadas toca
 As feridas crueis, e com intensa
 Colera bebe o sangue a negra boca,
 Que banha o largo peito, e barba densa:
 Ferido, e cego a furia se provoca,
 Mal acordado cahe co' a dor immensa,
 Representando o alto Pelio, ou Ossa
 Brama com tom de voz horrenda, e grossa.

LXIV.

Qual o touro encerrado, que ferido
 Sacode a crespa, e temerosa fronte,
 Em roda se vigia embravecido,
 Acometendo quanto vê defronte:
 E c'um, e outro asperrimo mugido,
 Por se tornar ao conhecido monte,
 Co' as lanças, e reparos bravo enresta,
 Bramindo, e inclinando a dura testa.

Tal

LXV.

Tal na caverna o horrído Gigante
 Co' as mãos a cova apalpa, em ira ardendo,
 Toma o bastaõ, e quanto tem diante,
 Vay com furia, e braveza desfazendo:
 Dava hum, e outro brado penetrante,
 Tomar ás mãos os Gregos não podendo,
 Levanta a porta por tentar a face
 Da duvidosa luz, que ao mundo nace.

LXVI.

De seus gritos, e vozes espantados
 Os animaes, nas covas se esconderaõ,
 Rompe o abyssõ á força de seus brados,
 Onde as furias a pena suspenderaõ,
 Com que Thefeo, e Encelado abrazados
 De Jupiter de novo estremeceraõ,
 E Cheronte, que ouv io a Polifemo,
 Largou das mãos o carregado remo.

LXVII.

Se de seus polos firmes, e seguros
 As esferas, que estaõ nelles cravadas,
 Co' as crystallinas Zonas, e Coluros
 Cahiraõ pelo ar despedaçadas,
 Não fizeraõ o estrondo, que seus duros
 Brados, e vozes fazem mal formadas,
 Quando apagado, o Cyclope presume
 Ter na viuva testa o grande lume.

LXVIII.

Dos mayores carneiros lhe tomamos
 As frescas pelles, com que nos cobrimos,
 Entre as rezes a vida aventuramos,
 E a sahida da cova repetimos:
 Nas maõs da forte, e suas entregamos
 A vida, por ventura em fim sahimos,
 Só Licaonte achou na boca escura,
 E largo ventre morte, e sepultura.

LXIX.

Em suas maõs em partes se rasgavaõ
 Seus membros, e entre os dentes se sentiaõ
 Ranger os duros ossos, que estalavaõ,
 Comendo as nuas carnes, que tremiaõ:
 Co' as estacas, que a testa penetravaõ,
 Onde caminho á fria morte abriaõ,
 Vertendo negro humor, fóra sahia,
 Nesta horrenda apparencia nos seguia.

LXX.

Espera, diz, ó hospede insolente,
 Espera acabarás o que intentaste,
 Que a hum filho do que rege o graõ tridente,
 Em noite eterna vivo sepultaste:
 Sendo taõ animoso, e taõ valente
 Naõ fujas; pois da vista me privaste,
 Me acaba de matar, que naõ espero
 Outro favor de ti, nem outro quero.

Monstro

LXXI.

Monstro fero, lhe digo, não te espante;
 Se neste braço a pena merecida
 Achaste, que a fereza d'um Gigante
 Dos deoses muitas vezes foy vencida:
 Assim castigar sabe o graõ Tonante
 Essa alma tua ingrata, e fementida,
 Que o sangue humano, em que fartaste a sede;
 Este castigo, esta vingança pede.

LXXII.

Podes de tua morte gloriarte,
 Se nella ha coufa, que não seja fea,
 Que teu hospede foy para matarte
 O filho de Laerte, e de Anticlea:
 Sabe que Ulysses sou, e quiz pagarte
 Desta maneira aquella ultima cea,
 Quando para matar a sede insana
 Te vi fartar de sangue, e carne humana.

LXXIII.

Ah traidor, me torna elle, que Telemo
 Me tinha este graõ mal pronosticado,
 Diziam: Não des, ó Polifemo,
 A Grego algum amparo, ou gazalhado:
 Mas como não te estimo, nem te temo,
 Vendote em tal miseria, e tal estado
 Te agasalhei, infame peregrino,
 Que a tudo acha caminhos o destino.

LISBOA EDIFICADA.

LXXIV.

Ao bosque logo os braços convertia,
E ás enzinhas robustas, que cravadas
Até o centro estaõ, faz ver o dia,
Mostrandolhe as raizes arrancadas:
Aliviado o monte se sentia
Do pezo de suas plantas carregadas,
A que o duro Cyclope com violento
Furor cortar fazia o bravo vento.

LXXV.

Apartaõse os navios, não soffrendo
Os golpes, que do alto o mar feriaõ,
Que em cada tiro, que cahia horrendo,
Huma voragem cruel té o centro abriaõ,
Com que as ondas em circulos fervendo
Remuinhos altissimos faziaõ,
E por fugir ao duro Polifemo
As crespas ondas fere o grave remo.

LXXVI.

Qual garça que no rio passeando,
Sentindo o caçador, que está escondido,
Porque do arco a setta atravessando,
Leve primeiro a morte, que o ruido,
Acautelada em roda vigiando
Co' a prompta vista está, co' colo erguido,
E antes que o caçador astuto aponte,
Voando excede ao mais altivo monte.

LXXVII.

Tal huma, e outra nao volatil ave
 Abrindo as azas vay, porque a ferena
 Aura, que respirava mais suave,
 Encheffe os seynos de tecida pena:
 Das ancoras se leva o pezo grave,
 Ao alto se levanta a negra antena,
 Por salvar do perigo a vida chara
 Deixo as terras crueis, e costa avara.

LXXVIII.

Elle da viva rocha (que pendia
 Sobre o espelho do mar, onde toucava
 A descomposta, e tosca penedia,
 Que em natural desordem concertava)
 Huma graõ parte toma, o mar feria
 Com pezados penedos, que arrancava,
 E sobre as naos, que sente estar defronte,
 Hum monte faz voar tras d'outro monte.

LXXIX.

Hiaõse as naos ligeiras apartando,
 Fugindo aos duros golpes, que defciaõ,
 Co' as vellas, e co' a proa o ar cortando,
 E o campo azul do mar co' remo abriaõ:
 Quando de longe se hiaõ divisando,
 Outros feros Gigantes, que se viaõ
 Andar com Polifemo pelas prayas,
 Vivos cyprestes, e animadas fayas.

LISBOA EDIFICADA

LXXX.

Já cada qual das naos desapparece:
Polifemo, que sente como as vellas
O porto deixaõ, grita, e se embravece
Desejando vingarse, e desfazellas:
Com grandes golpes sobre as ondas dece
Co' bastaõ duro, e no mais alto dellas
Entra, e onde mais fundo o pego estava,
As espaldas a penas lhe molhava.

LXXXI.

Té alli nos foy seguindo, e naõ podendo
Hir adiante, pára, e naõ atina
Para que parte as vellas vaõ correndo,
E o que deve seguir mal determina:
Atroa o mar c'um tom de voz horrendo;
Neptuno fóra da agua crystallina
Bota a cabeça, e arder se via logo
O Rey dos mares noutro mar de fogo.

LXXXII.

Entaõ diz o Gigante: O' sobrano
Rey das ceruleas ondas, que o profundo
Habitas, e c'os braços do Oceano
Cinges a grande machina do mundo:
Aqui teu filho tens de furia insano
Que em tuas aguas lava o fange immundo,
De que banhado estou, e quasi exangue
Botando num mar d'agua hum mar de fangue!

Despre-

LXXXIII.

Desprezando o poder do teu tridente,
 As altas ondas deste fundo pégo
 Com insolentes armas insolente
 Ousado corta hum victorioso Grego:
 Por morte mais cruel, e mais vehemente
 Me deixou vivo, se ficando cego
 Vivo fiquei, que em dor taõ excessiva
 Não me tenho por vivo, ainda que viva.

LXXXIV.

Ouvio-o o graõ Neptuno, commovido
 Do amor de pay, e para as naos olhava,
 E o odio, que tem n'alma concebido,
 Já nos fogaños olhos cintillava:
 E co'a magoa do filho ver ferido
 A longa barba pela maõ passava,
 E fallando entre dentes enojado,
 No fundo se escondeo do mar salgado.

LXXXV.

Era de noite, e o seu immundo armento
 Protheo nas fundas grutas escondera,
 Repousando os delfins, dormia o vento,
 Cansada a natureza a luz espera:
 Rompendo as naos o humido elemento
 Cinthia argentava a superior esfera,
 E o mar, que as brandas ondas encrespava,
 Da Lua a imagem tremula imitava.

LXXXVI.

No levantado polo que apparece
 Com vista prompta vou na noite escura,
 Donde Helice formosa resplandece
 De Urfa immortal na celestial figura:
 Vendo o tardo Boote como dece
 Rodeando em seu plaustro a Cynofura,
 Temendo que Neptuno com mor furia
 Vingue de Polifemo a nova injuria.

LXXXVII.

Naõ tardou muito espaço, quando vemos
 Em altos valles todo o mar cavado,
 As vellas rompe, o goroupez, e os remos
 O vento de braveza, e furia armado:
 Já co' a humana força naõ podemos
 Vencer, e no trabalho acostumado
 Os marinheiros erraõ voz, e intentos
 Entre as vozes, que daõ na enxarcia os ventos.

LXXXVIII.

Huma nuvem de horror no ar se estende,
 Que o Ceo cobria, e todo o mar se altera,
 A nao abrindo, cos balanços pende,
 Da jornada, e da vida o fim se espera:
 Dos fogos, com que em roda o ar se acende,
 Tremia o fogo em sua mesma esfera,
 Aqui en xergamos d'um cabello azida
 A esperanza sem fim, e o fim da vida.

LXXXIX.

Logo Sylenio os ares vem cortando,
 E dos mares abrandando o movimento,
 A Armada impelle, as ondas apartando;
 E em popa nos ajuda alegre o vento:
 Quando a luz duvidosa vem mostrando
 O Sol minino ainda somnolento,
 Este famoso porto apparecia,
 Onde o vento forçados nos metia.

XC.

Estas fortunas asperas passamos,
 Trabalhos nunca de outrem padecidos,
 Por entre os largos mares, que cortamos,
 Entre as ceruleas ondas sumergidos:
 Té chegar a este porto, onde esperamos
 Ser por voz bella Circe focorridos,
 Certo amparo, e firmissima coluna
 Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

XCI.

Aqui deo fim Ulysses valeroso
 A' navegação grande, que fizera,
 E em repouso os sentidos mais sabroso,
 No que resta da noite, suspendera:
 Entraõ no paço illustre, e sumptuoso,
 Cujá riqueza em Chipre, e em Cithera
 Nunca para seus gostos teve junta
 A Rainha de Phapho, e de Amatunta.

XCII.

Em toda a casa as tochas cento a cento
 Ardendo estaõ, que o ar alumiauaõ,
 A noite desterrando do aposento
 Nas luzes, com que as sombras illustravaõ;
 Os panos, das paredes ornamento,
 De ouro, e de varias sedas igualavaõ
 Os de agulha prolixa dibuxados,
 E lavor Babylonico lavrados.

XCIII.

Aqui ardia em fogo mais suave
 A odorifera lenha, que destina
 A sua pyra de Arabia a immortal ave,
 Quando nascer no fogo determina:
 Enchem de nõbre fumo a sombra grave
 As lagrimas, que chora a peregrina
 Synara, e no aposento mais secreto
 Ardiaõ de Hybla as plantas, e de Hymeto.

XCIV.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiva,
 O Indo adusto, o Arabe ditoso,
 Que em suas penhas tem Attica altiva,
 Hesperia guarda em seu jardim famoso:
 Quanto Pindo produz, quanto a lasciva
 Chipre cria mais puro, e mais cheiroso
 O rico estrada cobre, co' as melhores
 Vindas de estranhos Geos, barbaras flores:

XCV.

Huma formosa alcoba alli se via,
 Que ornaõ tapeçarias do Oriente,
 Fadiga peregrina, aonde ardia
 Com lavor Persio a Tiria cor ardente:
 Huma cama entre todas excedia
 Tudo o que ha mais custoso, e excellente,
 Com agulha da China dibuxada
 Dos labores de Aragnes delicada.

XCVI.

Tres vezes pela ecliptica o dourado
 Apollo as duas metas da alta esfera
 Visitara, e outras tantas abrazado
 No caõ celeste o Syrio fogo ardera:
 Quando a Ulysses com Circe descuidado
 A bella filha de Thaumante espera,
 E da rosada nuvem, que vestia,
 Com boca, e rosto alegre lhe dizia.

XCVII.

Que alto descuido, ó Capitaõ famoso,
 Te detem de Penelope esquecido,
 Entre tantos cuidados ocioso,
 Entre enganosos bens taõ mal perdido:
 Naõ vives de Telemacho saudoso?
 Qual num deserto em ti proprio escondido,
 Occultandote ao fado, que te chama,
 Perdes por gosto breve eterna fama.

XCVIII.

Rompe a tardança, e laço diamantino;
 Que o Ceo to manda, e na futura idade
 Mostra por entre sombras do destino
 Grandes cousas de ti na eternidade:
 Onde ao mar entra o claro Lybistino;
 Fundarás hum emporio, huma Cidade,
 A cujo cetro sua riqueza propria
 Renderá Persia, Arabia, e Ethiopia.

XCIX.

Deixa amores de Circe, deixa enganos,
 Que Juno seus favores te offerece,
 E Venus entre os deoses soberanos
 Tuas illustres obras engrandece:
 Que arrependida dos passados danos
 Te procura ajudar, porque conhece
 Que ainda ha de esquecer por Lusitania
 Os abrazados muros de Dardania.

C.

Disse, e com iguaes azas vay cortando
 Os diafanos ares, e o valente
 Grego seu graõ descuido está accusando,
 E seu cuidado accusa juntamente:
 Como se partiria imaginando,
 Onde enleado na alta dor, que sente,
 Circe o achou, e a alma lhe penetra
 A embaixada, que a filha deo de Eletra.

CI.

Bem sey que Juno, diz, minha inimiga
 Tua partida, e a morte me defeja,
 Não basta que a fortuna me perfiga,
 Sem tambem perseguirme a sua inveja:
 Já que a fallar sua paixão me obriga,
 Não he razão que taõ divina seja,
 Que não foy falsa a nuvem, e sombra leve,
 Quando o Rey de Theslalia em braços teve.

CII.

He costume no mundo inveterado,
 Que o defeito de hum grande nos parece
 Digno de ser cuberto, e ser louvado,
 E só no humilde o crime se conhece:
 Cada qual com seus vicios abraçado
 Poemhe outro nome, e nelles envelhece,
 Parece o que está em alto mais perfeito,
 Que encobre co' a distancia o mór defeito.

CIII.

Vay grande Ulysses aonde o Ceo te chama,
 Que eu chorarei a minha infauſta forte,
 Historia ao mundo dá, materia á fama,
 Refirase em tuas glorias minha morte:
 Assim chorava, qual a verde rama,
 Que chora, e arde em fogo intenso, e forte,
 Entre arder, e esperar lagrimas perde,
 Que amor he fogo, e a esperança he verde.

CIV.

Mal te posso esconder Circe formosa;
 Ulysses diz, esta fatal partida,
 Nem desta alma a ferida saudosa,
 Sendo as lagrimas sangue da ferida:
 Tu sabes qual he a causa, e quaõ forçosa,
 Que não ignora cousa taõ sabida
 Quem do Sol os trabalhos mede, e sabe,
 E o que da Ursa ao polo opposto cabe.

CV.

Póde o fado apartarme injusto, e forte,
 Mas não fará, que quem seus males sente,
 Não torne á doce vida, e doce morte,
 Na prizaõ, aonde estava taõ contente:
 Não se muda o amor, mudase a sorte,
 Dorme a memoria do que vive ausente,
 Se ama não dorme, que este sentimento
 Não consente repouzo ao pensamento.

CVI.

Entende o Grego em reparar a Armada,
 Com elle toda a Grega companhia
 Se dispoem a partirse alvorçada,
 Só Circe n'alma esconde o que sentia:
 Sendo a primeira magoa já passada,
 Da partida contente se fingia,
 F. tendo a culpa de seu mal taõ viva,
 Trata só de entreter sua dor esquiva.

CVII.

Para hum retrete o leva, em que detinha
 A vista nas pinturas exquisitas
 De historias, que o pincel insigne tinha
 Em viva, e muda poesia escritas:
 Alli Phebo correndo a aurea linha
 Das doze casas, que com a luz visitas,
 Vias cahir o que teu carro infama,
 Dando co' a morte ao Pado eterna fama.

CVIII.

Mostralhe logo na primeira idea
 O mundo num confuso chaos, e escuro,
 E que daquella massa informe, e fea
 He o Sol alma immortal formoso, e puro:
 Alli se vem Melissa, e Amalthea
 Crear ao grande Jupiter, e o duro
 Saturno, que com sua eterna fome
 Os filhos, que gerara, irado come.

CIX.

Descobrelhe outro quadro, onde a pintura
 Hum edificio de obra sumptuosa
 Mostra, que abriu té o centro a terra dura
 Por se esconder na esfera luminosa:
 Sustenta os capiteis de prata pura,
 De diamante a parede alta, e lustrosa,
 Donde hum clarim perpetuamente chama
 Aos que aspiraõ gozar de eterna fama.

Esta

CX.

Esta parte, lhe diz, sublime, aonde,
 Affrontando do Ceo as luzes bellas,
 A altiva testa o grande Olympo esconde
 Coroada dos rayos das estrellas:
 O alcaçar he da fama, que responde
 Ao sitio nas grandezas, que de vellas
 Com a nobre architectura do aposento
 Suspende a vista, enleva o pensamento.

CXI.

As janellas abertas, e patentes,
 E as aureas portas nunca estaõ ferradas,
 Que de varias naçoens, e varias gentes
 Dia, e noite se vem sempre occupadas:
 De correysos, e espias differentes
 De regioens das nossas apartadas
 O inconstante rumor, que dentro habita,
 As entradas dispenfa, e facilita.

CXII.

Sobre huma nuvem lucida, e dourada
 Tem a fama seu alto, e nobre assento,
 Onde a luz de Pyropos abrazada
 Vence as luzes do ethereo firmamento:
 Daqui sahe com carreira acelerada,
 Abrindo as azas ao ligeiro vento,
 Que a toda a hora nas regioens serenas
 Do ar voando estende as aureas pēnas.

CXIII.

Duas trompas sustenta nos nervosos
 Braços, a que dá alento peregrino,
 E dobrandose os ecos portentosos
 No mundo todo soa o metal fino :
 Com mil linguas os casos duvidosos
 Publica , e logo com buril divino ,
 Porque os futuros seculos espante,
 Os lavra em taboas de ouro, e de diamante.

CXIV.

Junto a seus pés está asentada a historia,
 Rodeada de livros, onde escreve
 Feitos, que dignos são de eterna gloria,
 A que offender a idade não se atreve :
 Seus archivos, e annaes guarda a memoria,
 Tem ante si prostrado o tempo leve
 A inimiga fortuna, a morte escura,
 A que com a planta opprime a cerviz dura.

CXV.

Outras muitas estancias occupadas
 Se vem de altos varoens, que as merecidas
 Coroas tem por obras estremadas,
 Dando caducas por eternas vidas :
 E os que em segura paz com leys sagradas,
 Como com muros, deixaõ guarnecidas
 As terras, ou co' a penna o Ceo tocando
 No aposento da fama entraõ voando,

CXVI.

Varios retratos nas paredes pendem
 De matronas insignes, que a pintura
 'Taõ vivas mostra, que co' a vista acendem
 Desejos de imitar sua formosura:
 Com eloquencia muda alli reprimem
 As da idade presente, e da futura,
 Que sem buscar da fama o claro assento
 Na sombra estaõ do bruto esquecimento.

CXVII.

Este castello em roda está cercado
 De arduos caminhos, donde vaõ sahindo
 Os que com justo passo acelerado
 A' eterna fama vaõ caminho abrindo:
 Aqui tambem lugar terás guardado,
 Onde essa altiva fronte irá cingindo
 A coroa, que as folhas naõ perdeo,
 Da gloriosa planta de Peneo.

CXVIII.

Descobre logo hum mapa, onde abraçada
 Tem consigo Neptuno a redondeza,
 De plantas, feras, e aves variada,
 Que o variar faz bella a natureza:
 Aqui lhe mostra a terra dilatada,
 A quem do eterno lume a tocha aceza
 Do Sol illustra, e nella as descubertas
 Partes, e as que inda temos por incertas.

CXIX.

Vês como com seus braços, lhe dizia,
 A terra cinge o tumido Oceano,
 Aqui Africa está, que as feras cria,
 Dos fins de Grecia ao freto Guaditano:
 Aqui he Asia, donde nasce o dia,
 Cujó alto imperio o Nilo de Africano
 Divide, e a verde Europa mais avante
 De Tanais até o largo mar de Atlante.

CXX.

Aqui se vê na Europa alta, e famosa
 Grecia rica das aguas de Castalia,
 O Illirico, e Panonia poderosa,
 Entre o mar de Adria, e Thusco mar Italia:
 Aqui a Tracia em rios caudalosa,
 Aqui os lyrios da abundante Gallia,
 Entre o Rheno, e Danubio a graõ Germania,
 Aqui a Hesperia, e logo a Lusitania.

CXXI.

Lançando a voz do peito alto, e facundo
 Circe profegue: O naõ mudavel fado
 Nesta parte, que he ultima do mundo,
 Onde no mar se banha o Sol dourado,
 Onde começa o Oceano profundo,
 Entrando nelle o Tejo taõ inchado
 Com curio taõ soberbo, e absoluto,
 Que mostra darlhe leys, e naõ tributo.

Aqui

CXXII.

Aqui te manda o Ceo buscar a terra
 Por este profundissimo rodeyo,
 Onde tanto perigo, e morte enferra
 O graõ Neptuno no ceruleo feyo:
 Por duros casos, e sanguinea guerra
 Conquistarás a terra, e Reyno alheyo;
 Descanso tinhas cá, sem fer buscado,
 Sem co' sangue das veyas fer comprado.

CXXIII.

Foges de mim ao som de hum doce engano
 Para buscar repoulo taõ custoso,
 Vida entregando, e vellas ao Oceano,
 A Ceo estranho, e mar tempestuoso
 Por largos erros de caminho infano,
 Tendo aqui vida, e estado poderoso,
 Trocando com vontade pouco experta,
 Por incerta fortuna esta mais certa.

CXXIV.

Sylla ouvirás, e o canto doce, e brando
 Das fereas, dos nautas taõ temido,
 Chegarás aonde as portas vay ferrando
 Ao trato humano Alcides atrevido:
 Depois de andar no largo mar errando,
 Verás o Tejo, tendo dividido
 As ondas do Oceano, a quem refreya
 Jupiter com grilhoens de branca areya.

Aqui

CXXV.

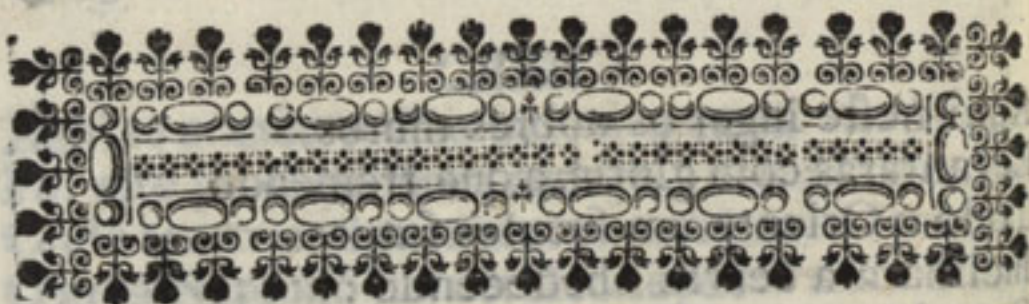
Aqui neste lugar os nobres muros
 Levantarás com gloria, a que tremendo
 Todo o Oriente em seculos futuros
 Inclinará a cerviz obedecendo :
 Quando ao mundo nascerem aquelles puros
 Eípiritos , que o Elyfio está detendo ,
 Até que o tempo vagaroso, e lento
 Traga o dia a seu claro nascimento.

CXXVI.

Daraõ á graõ Lisboa descendentes,
 Que dilatam co' a vida o novo imperio
 Até as casas do Sol, e nas ardentes
 Areas de Asia escrevaõ o nome Hesperio :
 Affrontaráõ com animos valentes
 O frio , e ardentissimo hemisferio,
 Ficando o mundo todo campo estreito
 A hum Reino só de mil imperios feito.



ARGU:



ARGUMENTO DO QUARTO CANTO.

DEsce Ulyffes ao centro acompanhado
De Circe, que lhe mostra o escuro averno,
Vê as ideas no Elyfio, a quem o fado
De Lisboa guardou o alto governo:
Vio Anticlea, e por que o Sol dourado
Sabir queria, deixa o triste inferno,
E da sombra, que occupa a gente morta,
Ao mundo torna pela eburnea porta.

I.



M fogo honroso Ulyffes se abrazava,
Ouvindo os Reys, que Circe referia,
Quer aos câpos descer, q̃ a Estige lava,
Onde ver Anticlea poderia:
Difficuldades Circe excogitava,
E em vaõ de seu intento o divertia
Com razoens, com que entrar lhe naõ permite
No escuro Reyno do severo Dite.

Ella

II.

Ella as occultas causas lhe declara,
 Insta Ulysses com animo seguro,
 Concedeme o que peço, ó deosa chara,
 Filha do mesmo Sol, formoso, e puro:
 Nisso, diz ella, ó Capitaõ repara
 Que poder penetrar o Reyno escuro,
 He cousa grande, a poucos concedida
 Os que gozamos a aura desta vida.

III.

Naõ basta peito, e coração constante,
 Que o peito, e coração mais animoso
 Naõ tem para soffrer força bastante,
 Do Cerbero o latido temeroso:
 Tentar do Inferno os muros de diamante,
 De ondas de fogo hum mar tempestuoso,
 Hydras, furias, ministros de tormento,
 Excede todo o humano atrevimento.

IV.

Amo-te Ulyssesmu ito, e naõ quizera
 (Posto que andas tratando da partida)
 Que algum mal, ou perigo succedera
 A huma prenda desta alma taõ querida:
 Nada, diz elle, o coração me altera
 O perigo, que póde ter a vida,
 Antes será mostrar animo forte
 Hir buscar a sua casa a mesma morte.

V.

Circe por darlhe gosto se prepara,
 E já intumece co' furor do espirito,
 Toma hum livro nas mãos, logo huma vara;
 Com que as aguas enfrea de Cocito:
 Depois que variamente o livro olhara
 De caracteres barbaros escrito,
 Detem a aguda vista na pintura,
 E olhando ao Ceo com rouca voz murmura;

VI.

Logo fobe num carro, que levado
 De dous grifos se vay da terra erguendo,
 Que abrem batendo as azas o ar delgado
 Co' altivo collo ás nuvens excedendo:
 A redea Circe leva, o acelerado
 Carro já a terra inclina, e vay descendo,
 E pela pura, e crystallina via
 Cortando as rodas fervidas rompia.

VII.

Toca de hum monte a testa levantada,
 Que faz coluna ao Ceo co' as penhas graves,
 A que co' a leve pena exercitada
 Podem mal arribar ligeiras aves:
 Abaixo toa o Ceo da congelada
 Espalda, acima os ares tem suaves,
 Que da frente as gadelhas ornamento
 Nem Iris molha, nem perturba o vento.

VIII.

De escondidas cavernas sahe brotando
 Hum furibundo rio de agua escura,
 Por voragens, e grutas exhalando
 Ares horrendos de Memphite impura:
 Alli o lago Averno está formando,
 A que rodea a terra aspera, e dura,
 Aservas mata, e em sua margem fria
 Só venenosas serpes gera, e cria.

IX.

Por entre duras penhas levantadas
 Troncos hirsutos pelo ar se erguiaõ;
 Das arvores dos raios fulminadas
 Secas, que verdes folhas não vestiaõ:
 De Acroceraunia, e Phlegra as inflammadas
 Rochas as deste monte pareciaõ,
 Saõ as vozes, que se ouvem, de inclementes
 Bufos, e mortaes silvos de serpentes.

X.

Em pedaços pendentos os rochedos
 Estaõ ruina eterna ameaçando,
 E para não cahir altos penedos
 As mãos por sustentarse se estaõ dando:
 Negros ares, e escuros arvoredos
 Nunca vento suave respirando
 Moveo, que a morte quiz, que alli de fóra
 Lhe guarde o espanto as portas, onde mora.

XI.

Este he o Cymerio monte coroado
 De hum sulfureo vapor, mortal, e eterno;
 Que o ar em roda deixa inficionado,
 E a negra boca faz do escuro Inferno:
 Onde o bosque medonho, e carregado
 De horrenda sombra cobre o lago Averno,
 Cujas exhalacoens tristes, e graves
 Mataõ voando as fugitivas aves.

XII.

Aqui chegado tinha a bella Eea,
 Solto o cabelo para tras ao vento,
 Na maõ a vara, com que da Febea
 Lampada faz parar o movimento,
 Com que de Phlegetonte o curso enfrea;
 Do abutre a fome, de Ixion o tormento,
 Faz que Ticio descanse, e a sede esquiva
 Tantalõ apague na agua fugitiva.

XIII.

As roupas apertando passeava
 Por entre as tristes sombras animosa;
 Hum negro touro a Hecate imolava,
 No Ceo, e grande Herebo poderosa
 Os vasos de lieo lhe derramava
 Na crespa fronte, e nella artificiosa
 Certas sedas escolhe, e dellas logo
 Faz sacrificio no faminto fogo.